



BACHARELADO EM JORNALISMO

**ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE HÉLIO PENNAFORT NA PERSPECTIVA DO
JORNALISMO LITERÁRIO**

Macapá

2016

JAMYLLLE CANTÃO NOGUEIRA

**ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE HÉLIO PENNAFORT NA PERSPECTIVA DO
JORNALISMO LITERÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Jornalismo da Universidade Federal do
Amapá - UNIFAP, como requisito parcial à
obtenção do Grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Ms. Antonio Sardinha.

Macapá

2016

JAMYLLLE CANTÃO NOGUEIRA
ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE HÉLIO PENNAFORT NA PERSPECTIVA DO
JORNALISMO LITERÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, como requisito parcial à obtenção do Grau de Bacharel em Jornalismo, com nota final igual a _____, conferida pela Banca Examinadora formada pelos professores:

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Antônio Sardinha
UNIFAP

Prof. Aldenor Benjamim dos Santos
UNIFAP

Prof. Benedito Rostan Martins
UNIFAP

Macapá, 23 de setembro de 2016.

Aos meus pais, **Maria Vanilda** e **Antônio** por
me ensinarem a conquistar meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, pois ele é o motivo de minha existência.

Aos meus Pais, Maria Vanilda e Antônio, por me ensinarem que a educação é o melhor caminho quando se quer vencer na vida, e por todo apoio emocional e financeiro no decorrer desta jornada.

Ao meu orientador, Antônio Sardinha por toda dedicação e aprendizado.

Ao meu namorado Wallace Gomes por todo suporte emocional e técnico ao longo dessa pesquisa.

Aos Professores Paulo de Tarso e Manoel Azevedo “Maneca”, os quais me concederam materiais bibliográficos.

A minha Irmã Joselene por socorrer nas horas agoniantes que meu computador parava.

A minha irmã mais velha Joseane por sempre acreditar na minha capacidade

As minhas Amigas e colegas de curso Aline Paiva e Maria Vaz, por compartilhar diversas noites mal dormidas durante a construção de nossas pesquisas.

As minhas amigas inseparáveis, Suelem, Brenda, Wanessa, Netiane e Luane por todo apoio moral e por acreditarem em meu potencial.

Ao meu eterno amigo Iuri Ramos, o qual foi um exemplo de um jornalista brilhante e uma pessoa amada por muitos. Obrigada por sempre me fazer sorrir.

Aos Colegas e Professores de Curso, por todas as experiências e troca de conhecimento dentro e fora da universidade.

Mas acima dos fundamentos históricos e das belezas naturais, muito além das pescarias e dos prazeres do bosque, o visitante receberia de graça proveitosas aulas de vida e maravilhosas lições de fé. Para isso, não existe mestre capaz de suplantar o inofensivo caboclo que desfruta a feliz solidão do Mutuacá.

Hélio Pennafort.

NOGUEIRA, Janylle Cantão. Análise Das Crônicas De Hélio Pennafort Na Perspectiva Do Jornalismo Literário. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Graduação em Jornalismo. Universidade Federal do Estado do Amapá - UNIFAP. Macapá-AP. 2016.

RESUMO

A pesquisa analisa as crônicas produzidas por Hélio Pennafort como repórter de jornais como a Província, A voz católica e Jornal do Dia reunidas no livro Estórias do Amapá (1984). A análise qualitativa observa a narrativa jornalística do autor-jornalista, a partir das características e fundamentos da crônica como gênero jornalístico e do jornalismo literário, entendido como abordagem estilística e alternativa à prática jornalística. Destacamos que as 'estórias' sobre a realidade amapaense apresentam a paisagem natural e belezas da Amazônia, os personagens dessa cena como ribeirinhos e os chamados caboclos, carregam traços da crônica jornalística por se tratar de uma denúncia da realidade, que utiliza da informação e atualidade ao fazer uma crítica social a respeito dos fatos relatados. Do ponto de vista do uso e apropriação da linguagem literária é realçada a presença de uma narrativa poética que seduz o leitor e o aproxima da narrativa como uma visão humanizada do caboclo.

Palavras-chave: Jornalismo; literatura; crônica jornalística; Hélio Pennafort.

NOGUEIRA, Janylle Cantão. Análise Das Crônicas De Hélio Pennafort Na Perspectiva Do Jornalismo Literário. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Graduação em Jornalismo. Universidade Federal do Estado do Amapá - UNIFAP. Macapá-AP. 2016.

ABSTRACT

This research analyses chronics produced by Hélio Pennafort as a reporter of newspapers such as *Província*, *A voz católica* and *Jornal do Dia* gathered in the book *Stories of Amapá* (1984). The qualitative analysis notes the journalistic narrative of the author-journalist from the characteristics and foundations of journalistic chronic as journalistic genre and the literary journalism, understood as a stylistic and alternative approach to the journalistic practice. We detach that “stories” about Amapaense reality have natural landscapes and beauties of the Amazon, the characters of this scene as riverines and the called caboclos and carry traces of journalistic chronic because it is a complaint of reality, that use information and present to make a social criticism about the reported facts. From the point of view of use and appropriation of literary language is enhanced the presence of a poetic narrative that seduce the reader and come near them to the history with a humanized vision of caboclo.

Keywords: Journalism; Literature; Journalistic chronic; Hélio Pennafort

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 - JORNALISMO LITERÁRIO	11
1.1 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DO JORNALISMO LITERÁRIO.....	11
1.2 CONVERGÊNCIA ENTRE JORNALISMO LITERÁRIO E LITERATURA ...	15
CAPITULO 2 - UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA CRÔNICA	22
2.1 INTRODUÇÃO.....	22
2.2 SURGIMENTO DA CÔNICA NO BRASIL – FOLHETINS.....	24
2.3 CRÔNICA COMO GÊNERO JORNALÍSTICO E LITERÁRIO.....	27
CAPITULO 3	32
3.1 METODOLOGIA.....	32
3.1.1 O jornalista Hélio Pennafort	32
3.2 ANÁLISE DAS CRÔNICAS REUNIDAS EM ‘ESTÓRIAS DO AMAPÁ’	39
3.2.1 Os temas e abordagens	41
3.2.2 Recursos da linguagem literária e a narrativa jornalística	43
3.2.3 Crônica Jornalística em Estórias do Amapá	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
ANEXO	56

INTRODUÇÃO

O jornalista Hélio Pennafort teve atuação destacada na história do jornalismo amapaense. A produção do jornalista e sua experiência ao registrar o cotidiano do Amapá foram reunidas em cinco obras, que permitem conhecer a atuação como repórter e as características de sua produção jornalística. Destacamos os livros: Micro reportagem (1980), Entrevista ao Leitor (1982), Um Pedaco Fotopoético do Amapá (1983), Estórias do Amapá (1984) e Amapaisagens (1992).

Da produção do jornalista, destacamos o livro Estórias do Amapá, publicado em 1984, que reúne crônicas produzidas por ele. O livro, escolhido para análise por ser representativo da produção jornalística do repórter sobre a realidade local, apresenta crônicas jornalísticas que usam de recursos da linguagem literária para explorar o contexto social do personagem principal que é o caboclo.

O uso da linguagem, o olhar do jornalista para o registro das paisagens de um cotidiano permeado por contradições conflitos e a perspectiva da reportagem como discurso para narrar e dar sentido à realidade local são peculiares e característicos do estilo do jornalista, em um período em que a imprensa regional estava em consolidação e, de certa forma, sem a profissionalização, comparada aos grandes centros urbanos do país. A atuação destacada do repórter assume nas crônicas um espaço de liberdade e autonomia onde o viés do jornalista crítico ganha contornos mais amplos, aptos a furar o bloqueio da linha editorial e dos constrangimentos organizacionais que influenciam a produção da informação no jornalismo.

Nesse sentido, apresentamos a partir dos fundamentos e categorias conceituais que caracterizam a crônica jornalística (BENDER E LAURITO, 1993; MOISÉS, 1967; CANDIDO, 1992; SÁ, 1987) e a prática do jornalismo literário (PENA, 2006; CORAÇÃO, 2009; BULHÕES, 2007; LIMA, 2003; CASTRO, 2010), a análise das crônicas publicadas em Estórias do Amapá. A pesquisa qualitativa considera três pontos categóricos cruciais presentes nos Temas e Abordagens, Linguagem e narrativa.

O objetivo é identificar aspectos centrais e característicos da narrativa jornalística apresentada no gênero crônicas. Para tanto, o nosso percurso inclui abordar, em um primeiro momento, fundamentos históricos e conceituais do jornalismo literário e as questões de fundo envolvendo a convergência entre o jornalismo e a literatura. Nessa perspectiva teórica, refletimos sobre conceitos e características da crônica como gênero jornalístico.

Por fim, apresentamos aspectos históricos e bibliográficos envolvendo a produção

jornalística de Hélio Pennafort, com destaque para o Livro Estórias do Amapá, além disso, pontuamos considerações metodológicas que orientaram a análise das crônicas, com as respectivas análises e conclusões.

A presente pesquisa pretende contribuir com a construção de registros envolvendo a história do jornalismo local, bem como registrar e resgatar a atuação do jornalista em um contexto de institucionalização da imprensa local.

CAPÍTULO 1 - JORNALISMO LITERÁRIO

1.1 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DO JORNALISMO LITERÁRIO

Na coletânea de livros *Cadernos da Comunicação: New Journalism A reportagem como criação literária*, Edivaldo Pereira Lima (2003), faz uma análise do jornalismo literário, desde seu surgimento até a atualidade.

Segundo o autor, o movimento *New Journalism*, que ocorreu nos EUA na década de 60, foi o percussor do Jornalismo Literário. A influência norte americana tinha como objetivo principal misturar a narrativa jornalística com a literária, sem perder a essência do jornalismo, que é o compromisso de narrar os fatos.

De acordo com Lima (2003), a exuberância narrativa do *New Journalism* norte-americano marcou época, instigou corações e mentes a produzir reportagens de profundidade, caracterizada pelo intenso mergulho do repórter na realidade.

Acontecimentos históricos, que marcaram geração, com a bomba de Hiroshima e Nagasaki, ganharam uma forma diferente de se fazer o jornalismo. O repórter americano John Hersey, colaborador da revista *The New Yorker*, foi chamado pela revista para fazer relato da Cidade de Hiroshima após um ano da sua devastação. A reportagem escrita por Hersey era detalhista, emitia emoção, através de uma linguagem poética, onde o leitor criava um tipo de conexão com o jornalista, sem que ele precisasse inventar uma ficção ao transmitir dados de um acontecimento tão importante e que marcou gerações. Para tanto, em seu texto é visível muitas características do *New Journalism*.

...Sobre Hiroshima, Hersey fez uma grande reportagem no mais puro estilo do new journalism. Seu relato, escrito em seis semanas, levou ao mundo todo, em primeira mão, depoimentos de alguns sobreviventes. Planejada para ser editada em série, como era praxe na revista para matérias longas, por sugestão de Shawn foi publicada de uma só vez, numa edição monotemática com 68 páginas, (LIMA, 2003, p. 27).

Lima (2003) coloca em seu livro a chamada feita pela revista *The New Yorker*, para falar da reportagem: “Esta semana *The New Yorker* devota todo o espaço editorial a um artigo sobre a quase completa obliteração de uma cidade por uma bomba atômica e sobre o que aconteceu à população daquela cidade. Isso é feito com base na convicção de que poucos de nós compreenderam todo o inacreditável poder destrutivo dessa arma, e que todos possam ter tempo para considerar a terrível implicação do seu uso”.

Segundo Lima (2003), *Hiroshima* é considerada por muitos a mais importante

reportagem do século XX, com mais de 300 mil exemplares da revista esgotados, a repercussão da reportagem foi tão grande ao redor do mundo que foi editado no formato de livro.

Além desse acontecimento a respeito da reportagem de Hiroshima, Lima (2003), ressalta outros profissionais que fizeram fama ao utilizar o *New Journalism como*: Tom Wolfe, Gay Talese, Truman Capote, Norman Mailer, George Plimpton, Joan Didion, Barbara L. Goldsmith, Rex Reed, John Sack e tantos outros, que se transformaram em referência inspiradora.

Para Bulhões (2007), é impossível falar de jornalismo literário sem mencionar o *New Journalism*, pois foi uma tendência que agitou o epicentro do jornalismo mundial e abalou estruturas fossilizadas da textualidade jornalística. O autor destaca que a década de 60 era uma época em que se vivia uma verdadeira transgressão de valores, e para isso ter a influência de escritores que trabalhassem com o realismo social poderia criar uma nova proposta de ser fazer jornalismo. Truman Capote, é o exemplo clássico do novo jornalismo, pois ao escrever a obra, *A Sangue Frio* desdobrou o gênero: “romance de não-ficção”.

Capote queria pois, escrever uma longa narrativa, apoiada na prática jornalística, uma narrativa sem fabulação, sem formulação imaginativa, um “romance jornalístico”, que mais tarde influenciaria grandes jornalistas como Breslin, Telese e Wolfe, que no século XX produziram grandes reportagens baseadas no realismo social, (BULHÕES, 2007, p. 149).

Lima (2003), ainda afirma que quando os novos jornalistas americanos surgiram, o jornalismo literário já havia conquistado espaço considerável ao longo das décadas anteriores, testando as técnicas literárias transplantadas para o jornalismo através da produção de gente de prestígio como A. J. Liebling, Joseph Mitchell, Lillian Ross, Ernest Hemingway.

Gay Talese e seus contemporâneos dos anos 60 e 70, aperfeiçoaram essas técnicas, assim como inovaram com a introdução de pelo menos duas novas. Tom Wolfe trouxe para o jornalismo a técnica do fluxo de consciência – que fora introduzida na literatura de ficção por James Joyce, em seu trabalho *Ulisses* –, enquanto Norman Mailer criou a técnica do ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa. Assim, o *new journalism* configura-se como uma versão própria e renovadora do jornalismo literário (LIMA, 2003, p. 12).

Pena (2006), caracteriza os novos jornalistas como profissionais que buscam sentir na pele as experiências de suas matérias e seus entrevistados, pois com a imersão completa e irrestrita para criar uma ponte entre subjetividade perspectiva e a realidade observada. Para isso o repórter encara a fronteira entre as esferas públicas e privada de forma mais arrojada,

quase propondo-se ao seu desaparecimento o que não é uma tarefa fácil.

Lima (2003), fala a respeito de Euclides da Cunha, que foi no Brasil um dos autores, considerado pioneiro das grandes reportagens, não era um jornalista, porque faltava-lhe o compromisso com a estrutura e com a vocação do órgão de informação.

Mas, Euclides foi chamado para fazer a cobertura da Guerra dos canudos em 1897, como um enviado de Guerra. O relato profundo da realidade foi publicado pelo jornal o Estado de São Paulo. O autor entendeu o sertão como nenhuma outra pessoa da civilização branca europeizada pode entender, por esse motivo ele relatou com detalhes toda a revolta que acontecia neste local.

De acordo com Lima (2003), Euclides foi o primeiro escritor brasileiro a diagnosticar o subdesenvolvimento do Brasil, referindo-se à existência de dois países contraditórios: o do litoral e o do sertão. A Guerra de Canudos resultou do confronto entre esses dois Brasis, distintos entre si no espaço e no tempo, pelo atraso de séculos em que vivia mergulhada a sociedade rural.

O texto de *Os sertões*, originalmente produzido como um texto para jornal, é também um trabalho jornalístico primoroso. Embora tenha se transformado num dos marcos da literatura brasileira, encontra-se nos limites de uma grande reportagem. Diferentemente da cobertura do mesmo episódio feito por outros jornais da época, o escritor soube interrelacionar a existência do arraial de Antônio Conselheiro e a natureza do sertão da Bahia, o comportamento sertanejo e até mesmo a conjuntura internacional que poderia ser associada ao conflito, (LIMA, 2003, p.34).

Bulhões (2007), afirma que muitos autores tem que ser cuidadoso ao fazer soar na cabeça do leitor a ideia que a literatura ocupa exclusivamente com o universo ficcional – fantasioso, de que ela nunca busca uma aproximação com a realidade desprendida dos fatos. Não é preciso ser um arqueólogo para perceber que muitos dos maiores escritores literários lidaram com uma matéria que parece ser plantada dos pés da factualidade.

No Brasil dois grandes exemplos vêm de Euclides da Cunha *Os Sertões* (1902), e Graciliano Ramos *Memórias do Cárcere* (1953). Nesses casos, seus autores teriam evitado a realização fabulativa, pois buscaram retratar realidades históricas testemunhadas por eles próprios com Euclides reportando a guerra dos Canudos (1896- 1897) e Graciliano relatando sua prisão entre 1936 e 1937. (BULHÕES, 2007, p. 20)

No Brasil a revista *Realidade*, publicada 1966 pela Editora Abril, foi um dos primeiros veículos que divulgou o jornalismo literário no país. De acordo com Faro (1999), todas as reportagens da revista *Realidade* eram muito bem produzidas, em termos gráficos, papel de

ótima qualidade e com um corpo de profissionais altamente qualificados. O veículo de comunicação abordava em suas pautas temas de grande relevância para a sociedade como: liberação feminina, comportamento sexual, movimento estudantil, participação política, desenvolvimento científico, homossexualismo, mudança nos padrões conservadores da Igreja Católica, revoluções em outros países, tudo isso compunha o referencial do público leitor e cuja discussão a revista alimentava em cada número que ia para as bancas.

Faro (1999), ainda afirma que a Editora Abril mostrou ter um projeto editorial empático. Os jornalistas que o desenvolveram foram capazes de perceber o sentimento da época, transpondo para as páginas da revista todo o nervosismo, a palpitação e as inquietações daquele tempo. Quando se lê algum exemplar da revista Realidade, especialmente nas edições de 1966 a 1968, o que se percebe é uma presença muito forte da perspectiva pessoal do jornalista na narração do fato noticioso. Mas há uma causa não suficientemente explicada para o êxito da publicação: a fórmula narrativa pessoal que os repórteres da revista introduziam, à semelhança do *new journalism*, nas matérias de cada número.

Cada reportagem é uma história recriada a partir de impressões, de pontos de vista, da descrição de comportamentos, de estados psicológicos, de composições ambientais e de painéis de sensações para os quais o jornalista se utilizava de uma narrativa que fica a meio caminho entre a narrativa ficcional e a narrativa jornalística. O uso da primeira pessoa ora é dominante, ora é acessório, intercala-se com o ponto de vista do personagem que é narrado e mistura-se com ousos dos verbos da terceira pessoa. O resultado é um permanente estado de excitação do texto que conduz o leitor a consumir como se estivesse lendo uma novela, um conto curto (FARO, 1999, p. 60).

Faro (1999), ainda afirma que a revista Realidade foi uma das melhores experiências do jornalismo brasileiro, e isso só foi possível porque conseguiu guardar com o seu público leitor uma identidade de sentidos, onde os códigos narrativos de seus textos estimulavam, à semelhança do que aconteceu com a imprensa norte-americana, com a geração que participou do movimento do novo jornalismo. As duas coisas devem ser permanentemente saboreadas para que se tenha ideia da riqueza de propostas que a imprensa pode abrigar.

Lima (2003), ao fazer um discurso sobre a situação atual do jornalismo literário no Brasil, afirma que o gênero, quase que totalmente esquecido nas redações, mantém-se vivo no espaço acadêmico, gerando gradativamente um contato que inspira o redor das novas gerações com essa empolgante escola de reportar em profundidade o mundo contemporâneo.

Segundo Fábio de Lucas, (2008), no prefácio do livro Literatura e Jornalismo, cita que paradoxalmente o jornalismo contemporâneo tornou-se mais exigente e requer instrução

superior e até pós-graduação dos profissionais que. Lida com banco de dados e se vale de centro de pesquisas e análise da vida econômica, social, política e cultural da comunidade. Assim, o jornalista estará credenciado para formar ou sustentar a vida de relações do país.

Gustavo de Castro, em *Jornalismo Literário: uma introdução* (2010), contextualiza o jornalismo literário como um gênero que percorre vários campos do conhecimento humano, e não exclui a princípio nenhum recurso metodológico ou narrativo. O gênero faz uma conjugação de diálogos, perfis, contos, cordéis, entrevistas, poesias, pingue-pongues, crônicas, matérias informativas convencionais, relatos na primeira pessoa, notinhas, cartas, ensaios, artigos, fragmentos, tudo ou quase tudo é permitido desde que se saiba usar com talento, engenho e bom senso.

1.1 CONVERGÊNCIA ENTRE JORNALISMO LITERÁRIO E LITERATURA

A aproximação entre o jornalismo e a literatura ocorre em primeiro momento no século XVIII, mas ao analisar o discurso de cada um desses gêneros individualmente, notamos suas diferenças e conflitos, a partir de suas características. No jornalismo há uma busca incessante pela verdade, através de uma linguagem clara e objetiva que trata a realidade sem marcas de subjetividade ou autoria.

A literatura por sua vez alimenta-se da imaginação, e ficção, preocupando-se com o lado estético e subjetivo da narrativa. Para tanto é importante definir a diferença entre esses gêneros quando estudamos o jornalismo literário, pois as convergências são claras, mas as duas a andam lado a lado quando o foco principal é colocar o leitor como protagonista de determinado texto.

Segundo Faraco e Moura (1989), os textos literários mantem uma ligação com o mundo real quando os autores de tais textos fazem referências a elementos que realmente existem no mundo social, psicológico e físico. Portanto ao contrário do jornalismo eles não se limitam a retratar, reproduzir com fidelidade ocorrências desse mundo. Eles não são notícias documentos históricos ou “retratos” da realidade, são textos literários. Na literatura o autor usa a ficção para criar situações, como objetos inanimados que falam, dessa forma o campo da imaginação é bastante explorado, e assim pode-se dizer que toda ficção é literatura.

Não pode-se pedir que um escritor comprove que aquilo que escreveu é verídico ou não, porque o objetivo de um autor de texto literário não é criar um documento do mundo real mas inventar um mundo ficcional. É claro que um autor pode inspirar-se em pessoas reais ou fatos efetivamente ocorridos, pode referir-se a cidades ou países que existem mesmo. No entanto, ele não tem nenhuma obrigação de contar-nos fatos

ou emitir conceitos baseados na realidade, (FARACO; MOURA, 1989, p.12).

Pena (2006) acredita que a Literatura e o Jornalismo sempre andaram lado a lado, o jornalismo literário é de fato uma junção da literatura da realidade somada à ficção. Para tanto, não perde sua credibilidade uma vez que cumpre a missão de informar, preservando a essência jornalística, porém com ganho em vocabulário, estrutura narrativa e aprofundamento de conteúdo. As características desse gênero alicerçam e ornamentam o texto que é levado ao leitor. E o jornalismo, enquanto retrato fiel da realidade inspira a literatura, esta, em escala menor, também aumenta ao mesmo tempo.

A influência da Literatura na imprensa está mais presente nos chamados primeiro e segundo jornalismo. Estamos falando justamente dos séculos XVIII e XIX, quando escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público. Não apenas comandando as redações, mas, principalmente, determinando a linguagem e o conteúdo dos jornais. E um de seus principais instrumentos foi o folhetim, um estilo discursivo que é a marca fundamental da confluência entre Jornalismo e literatura (PENA, 2006, p. 28).

Lima (2004), afirma que no século XX a produção de folhetins abriu espaço para a inclusão da literatura em jornais. A partir de então, os jornalistas começam a utilizar os recursos literários para reformar suas reportagens, a partir do aprimoramento de suas técnicas. Para isso é necessário utilizar duas técnicas como a representação do real efetivo, uma espécie de reportagem – com sabor literário – dos episódios sociais, e a incorporação do estilo de expressão escrita que vai aos poucos diferenciando o jornalismo, com suas marcas distintas de precisão, clareza, simplicidade.

Pena (2006), afirma que a partir da virada do século, na década de 1950, a presença de escritores nos jornais começa a diminuir sensivelmente, pois as mudanças estilísticas e gráficas dos jornais mudam de belas narrativas para textos com objetividade e concisão. A preocupação com a novidade e os *fait divers*¹ assumem a função principal da pauta. A literatura é apenas um suplemento.

De acordo com Pena (2006), esses suplementos são os cadernos literários da imprensa, quem tem o objetivo de acrescentar alguma coisa no jornal, mas devem seguir incondicionalmente as características da imprensa moderna. Ou seja, não só são submetidos as regras básicas do discurso jornalístico (clareza, concisão e objetividade), como tem na venda seu objetivo primordial.

É importante, todavia, registrar que a colaboração nos suplementos literários

¹ A expressão francesa, que significa “fatos diversos”, é utilizada para identificar aquelas notícias que só são destacadas pelos jornais porque são curiosas, inusitadas.

também é sintoma de prestígio e reconhecimento intelectual. Tanto que muitos dos resenhistas nem sequer são pagos pelo trabalho. Ter o nome vinculado nas páginas dos jornais legitima tanto os autores quanto os críticos abrindo espaço não só nas principais editoras, mas até mesmo em outras carreiras, como a política e até o jornalismo, (PENA, 2006, p. 42).

Na obra de Marcelo Bulhões, *Jornalismo e literatura em convergência* (2007), o autor faz uma análise que mostra os principais pontos que distinguem e convergem as áreas de conhecimento do jornalismo e literatura. Além de sugerir opções interpretativas para relações entre os dois campos, mostra a polêmica das discussões sobre os gêneros, tanto na literatura quanto no jornalismo.

Bulhões (2007) expõe ao logo da discursão, pontos de convergência e hibridismo dos gêneros atribuídos ao jornalismo, enfatizando a notícia e a reportagem, e à literatura, destacando o conto e o romance.

De acordo com o autor, o panorama das opiniões difundidas até o século XX que destacam a separação entre jornalismo e literatura, principalmente no que diz respeito ao modelo americano de jornalismo, pode ser atribuído à busca pela objetividade, o que transformou-se em um tipo de testemunho do “real”, com a intenção de mostrá-lo e compreendê-lo.

Definindo-se historicamente como atividade e que apura acontecimentos e difunde informações da atualidade, ele buscaria captar o movimento da própria vida. Seria da natureza do jornalismo tomar a existência como algo observável, comprovável, palpável, a ser transmitido como produto digno de credibilidade (BULHÕES, 2007, p.11).

Bulhões (2007), diz que o jornalista seria uma espécie de historiador da vida contemporânea, tratando a linguagem como o “meio” e não “fim”. Uma vez que no jornalismo não pode haver usurpação da verdade o jornalista busca incessantemente pela apuração dos acontecimentos no esforço pela isenção e imparcialidade. Já a literatura é oposta do jornalismo, pois usa a linguagem não como o “meio”, mas o “fim”, pois ela não é mera figurante, mas o centro das atenções, sem precisar comprovar o que se tem no texto é verdade, desse modo pode-se dizer que a razão de ser da literatura não é exatamente a comunicação.

Segundo Cláudio Rodrigues Coração (2009), em sua pesquisa intitulada *Jornalismo e Literatura e Corpo-a-Corpo: Representações, Diálogos e Interações*, o Jornalismo e Literatura são, aparentemente, atividades textuais descompassadas, demarcadas por técnicas específicas, particulares. Simplificadamente, o primeiro trabalharia com o advento social de

apreensão da verdade; a criação literária, por sua vez, destilaria e se configuraria pela matriz da imaginação. Não seria de bom tom, entretanto, demarcar uma dualidade estratificada em “realidade” versus “imaginação”.

Bulhões (2007), afirma que é a partir da narrativa que podemos observar a confluência entre jornalismo e literatura nos gêneros narrativos em prosa. Parece nos atributos do conto algo que se cruza com os gêneros narrativos essenciais do jornalismo: a notícia e a reportagem. Atributos que podemos entender como a brevidade narrativa e possibilidades de progressão, onde se observa uma mudança dos estados temporais.

Ainda Pensando sobre a narrativa jornalística, Bulhões (2007), caracteriza o texto jornalístico regido pela dita a factualidade, como ponto crucial para se identificar os liames do jornalismo como um apreço “narrativo”, “descritivo” da realidade circundante.

É claro que a construção da identidade do ofício jornalístico nos termos de uma espécie de pacto com a realidade palpável acaba por se tornar um instrumento persuasivo de grande poder de fogo ideológico. Não é difícil ver na ostentação de ser o jornalismo a “verdade factual transplantada” uma perigosa estratégia discursiva e, a partir daí, desconfiar de uma longa história de ligações perigosas entre a imprensa jornalística e o poder (BULHÕES, 2007, p.26).

Faraco e Moura (1989), afirmam que ao ler o texto literário é fundamental observar a maneira como ele foi escrito, os recursos que o escritor utilizou para impressionar, emocionar o leitor seu. É importante destacar que o objetivo, no entanto, não é apenas transmitir informação ao leitor, ele quer que seu texto tenha beleza, e que provoque emoção. O texto literário, portanto, prende-se ao mundo real, concreto, mas não é, necessariamente, um documento desse mundo. No texto literário criam-se universos, seres, situações imaginárias.

Ao criar seu mundo de ficção o escritor utiliza a língua de maneira especial, dispensando a ela determinados cuidados. Quando utilizamos a língua na comunicação do dia a dia, em textos jornalísticos, científicos, históricos, ou num simples bilhete aviso, estamos empregando as palavras apenas como veículos para transmitir ideias. O leitor de um bilhete de um jornal não vai se preocupar muito em observar como esses textos foram escritos, desde que eles comuniquem corretamente o que a informação pretendida, (FARACO; MOURA, 1989, p. 13).

Castro (2010) em sua obra destaca o caráter interdisciplinar entre o jornalismo literário e outros campos do conhecimento, no caso da relação com a literatura, técnicas narrativas e estilísticas. No que tange aos objetivos do jornalismo literário, referindo-se a relação com a reportagem, destaca dois pontos principais:

1. Aprofundar ou verticalizar o texto jornalístico através do recurso da literalidade da liberdade estilística, criando uma diversidade de narrações e de narradores que, a meu ver, só enriquece a leitura e o jornal. (No Brasil, por exemplo, um estilo ainda pouco utilizado é o do “Jornalismo de Autor”, ou em primeira pessoa, semelhante ao que o cinema e a literatura já fazem amplamente de forma rica e saudável) e 2. Apostar no prazer da escritura d o texto (CASTRO, 2010, p.7).

O autor segue sua obra discutindo sobre a de Realidade, Literatura de Complexidade e Literatura de Hipercomplexidade para fazer uma comparação entre “valor notícia” e “valor narração”, a partir da teorização de Mario Wolf. Nesse sentido, o primeiro valor estaria ligado ao jornalismo factual, imediato e o segundo mais conectado ao “extemporâneo”.

O interessante, é que ambos os casos eles utilizam-se da mesma matéria prima: a palavra. Ambos arrogam-se como métodos diferentes para alcançar a verdade, pelo menos uma verdade, a sua. Ao que parece, há outro aspecto em que elas são complementares: são expressões do olhar do homem no mundo e do olhar que olha esse olhar. Existe entre elas uma troca simbiótica, qual a relação entre ficção realidade, de modo que podemos falar de um Jornalismo Literário semelhante ao que fazem Marcelo Coelho, Daniel Piza, Diogo Mainardi ou de uma literatura jornalística a exemplo de Juremir Machado da Silva, Moacir Scliar e Carlos Heitor Cony (CASTRO, 2010 , p.31).

Pena (2006), caracteriza o gênero como uma estrela de sete pontas, onde a primeira característica, “potencializar os recursos do jornalismo”, podem-se constituir novas estratégias profissionais. Na segunda defendida por ele, “ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano”, ressalta ultrapassar os limites do tempo. A terceira ponta da estrela, “proporcionar uma visão ampla da realidade”, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível. A quarta característica, “exercer a cidadania”, afirma que é dever do jornalista o compromisso com a sociedade. A quinta característica, “romper com as correntes do lead”, a sexta “evitar os definidores primários”. E a última, “perenidade”.

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no Jornalismo diário. Nem joga suas técnicas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas. (PENA, 2006, p. 13).

Coração (2009), ainda afirma que há muito as técnicas do jornalismo permeiam a criação literária. Há muito a narrativa literária preenche a atividade jornalística. Mais do que categorizar e/ou remontar as convergências entre jornalismo e literatura, levantar-se-á um problema básico na polarização entre as duas entidades: a questão da representação da realidade; a captação e a apreensão do real (criação literária e notícia jornalística,

respectivamente).

Bulhões (2007), ainda conclui que a literatura tem um grande poder de atração, e compreender esse lado nos faz vê-la como um receptáculo de nossas necessidades de fantasiar. É como se ela nos sinalizasse como uma espécie de permissão: a de ser por excelência o território da imaginação e do desejo, espaço exilado das obrigações e dos limites que cerceiam nossa vida cotidiana.

Pena (2006), coloca sua própria percepção a respeito do jornalismo literário, que vai além da estrela de sete pontas, o autor conceitua o gênero como uma linguagem musical de transformação expressiva e informal . Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformando-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar o terceiro gênero que também segue pelo inevitável cominho da infinita metamorfose.

Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo ou literatura, mas sim de melodia, (PENA, 2006, p. 21).

Quando compreendemos que o jornalismo literário vai muito além de uma nova proposta de se fazer jornalismo, passamos a nos envolver com os sentimentos, e inquietações transmitidas pelo jornalista de maneira mais complexa, pois a imersão do autor na realidade através de recursos da literatura causa no leitor uma afinidade com o texto, tornando assim o jornalismo literário um gênero distinto e encantador.

CAPITULO 2 - UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA CRÔNICA

2.1 INTRODUÇÃO

A teoria feita a respeito da origem da Crônica inicia desde a Grécia Antiga, com o surgimento do Mito a respeito do Deus Cronos, que ficou conhecido na mitologia como Pai de Zeus. Segundo o estudo desenvolvido no livro *Crônica: História, Teoria e Prática*, das autoras Bender e Laurito (1993), Cronos seria a personificação de tempo, e de acordo com uma das abordagens teóricas dos mitos clássicos sua lenda pode ser lida como uma alegoria: a de que o tempo, em sua passagem fatal engole tudo o que é criado e tudo o que é criatura.

Melo (2002) afirma que, crônica vem da palavra grega *chronos*, que significa “tempo”, onde se usava para narrar feitos históricos de um povo em ordem cronológica. O autor ainda reforça em sua pesquisa, que através de ilustrações o primeiro grande cronista foi Heródoto, “o pai da História”; na Bíblia, o livro “Crônicas” trata da genealogia dos hebreus; Júlio César, o imperador romano, também escreveu notáveis crônicas de guerra.

Ainda abordando sobre a etimologia da palavra crônica, Bender e Laurito (1993), ligam a definição da palavra Chronos, a outros significados encontrados no dicionário, de palavras como: cromônimo, cronograma e cronológico, e dessa forma as autoras buscam fundamentar a origem da crônica sempre relacionada a Palavra tempo.

Bender e Laurito (1993), após toda essa análise etimológica, destacam, dois significados encontrados no dicionário verbete, que serão relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa. O primeiro significado está voltado para a literatura, uma vez que trata a respeito de feitos em ordem cronológica, e o segundo está voltado para os textos jornalísticos, pois são redigidos de forma livre e pessoal e tem como tema, fatos ou ideias da atualidade, de teor artístico, político, esportivo, ou simplesmente relativos a vida cotidiana.

O que fica bem claro, porém, tanto em relação ao sentido tradicional do termo quanto em relação ao seu sentido moderno, é que crônica, pela sua própria origem está sempre ligada a ideia contida no radical do termo que a designa: assim, seja ela um registro do passado, seja um flagrante do presente, à crônica é sempre um resgate do tempo, (BENDER; LAURITO, 1993, p. 11).

No entanto o marco inicial da crônica ocorreu na idade média no ano de 1434, com o surgimento do humanismo em Portugal. De acordo com Bender e Laurito (1993), essa data é crucial devido a nomeação de Fernão Lopes como Cronista-mor, essa profissão tinha como intuito fazer os registros dos feitos dos antigos reis de Portugal, que eram chamados de

Crônica. A partir de então, com o surgimento do cronista, que se torna de grande importância para a história da literatura, essa profissão passa a ser reconhecida e os escritores cronistas acabam sendo pagos para trabalhar com a matéria – histórica da interpretação dos fatos da época.

Além de Fernão Lopes – considerado o melhor de todos – outros escritores assumiram a função de cronistas – mor do reino, até que na altura do século XIV, e já em pleno o Renascimento, a historiografia se afirmasse como gênero definido. A palavra Crônica, no entanto, ainda que posteriormente, viesse a abranger outros sentidos, permaneceu na língua portuguesa com o sentido antigo de narrativa vinculada ao registro de acontecimentos históricos, (BENDER; LAURITO, 1993, p. 12).

Fernão Lopes foi o percussor de uma crônica diferenciada, pois foi ele quem colocou em sua narrativa uma perspectiva individual, pois em sua função de guarda-mor ele registrava tudo o que acontecia no reino, em ordem cronológica, porém com características modernas, pois matinha uma referência documental, e procura se manter neutro sobre determinado assunto, sempre mostrando a realidade sem emitir subjetividade em suas palavras.

É relevante expor, o quanto a crônica já sofreu alterações em suas características desde o seu surgimento, pois diferentemente de Fernão Lopes, atualmente os cronistas preocupam-se além de relatar sobre um assunto do cotidiano, expor suas ideias dentro de suas impressões pessoais, sejam eles acontecimentos sociais, políticos ou culturais, vem carregado de humor e muitas vezes meche com o emocional do leitor.

2.2 SURGIMENTO DA CÔNICA NO BRASIL – FOLHETINS

A análise dos estudos feitos a respeito do surgimento da crônica brasileira, apontam como marco histórico a carta de Pero Vaz de caminha como a primeira crônica feita no Brasil. A carta destinada ao rei D. Manoel, só chegaria tempos depois da descoberta do Brasil de 1.500, por esse motivo os acontecimentos relatados na carta já haviam ocorrido o que tornava um registro do passado (BENDER; LAURITO;1993; p.11).

Sá (1987), afirma que a carta feita por Pero Vaz de Caminha foi marco do gênero no Brasil, pois na medida em que ele retratou ao rei de modo subjetivo como era a terra recém descoberta, os índios, seus costumes, naquele momento de confronto entre a cultura europeia e a cultura primitiva, apresentou uma visão mais semelhante a de um cronista do que de um

historiador. A partir de Caminha, o registro do elemento circunstancial passa ser o princípio básico da crônica.

Segundo Bender e Laurito (1993), Caminha é o cronista do cotidiano do descobrimento, ou seja, do “hoje” de 1.500, com um estilo ágil, vivo, e perspicaz. Além de Caminha, também existiram outros cronistas que redescobrem o Brasil dando notícias das novas terras aos europeus e detendo-se principalmente, no seu aspecto exótico e pitoresco e nas suas possibilidades de exploração. Os principais cronistas foram: Pero Lopes de Souza, Pero de Magalhães Gândavo, e Gabriel Soares de Souza.

Analogamente a essa chamada “crônica leiga”, também existe a crônica dos missionários e religiosos especialmente a dos jesuítas, como Manoel de Nóbrega, Fernão Cardim ou José de Anchieta, que tendo como finalidade principal documentar os passos da catequese, não podem deixar de dar notícias e tecer comentários sobre a terra e as gentes que nela habitam (BENDER; LAURITO, 1993, p. 13).

Faraco e Moura (1989), citam que a carta de Pero Vaz de Caminha, dar-se os nome de literatura informativa, pois tais obras são constituídas de textos não literários, pois seus autores pretendem traçar um retrato da terra recém-descoberta e de seu ambiente- o indígena. Por isso esses textos aproximavam-se muito mais de documentos, notícias, embora algumas passagens apresentem características literárias. Os escritores eram chamados de cronistas ou viajantes, produziam relatos com a finalidade de informar o povo europeu sobre o novo mundo.

No entanto, a crônica começou a ganhar repercussão no Brasil a partir do século XIX, com o surgimento do folhetim, que era o espaço físico conhecido como o rodapé de uma folha de jornal, onde continham diversas informações a respeito do cotidiano que vinham em forma de capítulos de romances, comentários sociais, poemas e as crônicas.

Originalmente o folhetim nasceu na França no século XIX, conhecido como *Fouilleton*. De acordo com Pena (2006), o termo francês *Feuilleton* não se referia inicialmente aos romances publicados em periódicos. Quando apareceu pela primeira vez no *Journal des Débats*, nos anos de 1830 e 1840 na França e na Grã Betanha houve uma eclosão do jornalismo popular voltada para o capitalismo, onde a publicação de narrativas literárias aumentava o numero de vendas e diminuição dos preços e aumento de leitores e visibilidade e satisfação financeira por parte dos escritores, uma vez que seus textos eram bastante repercutidos.

Muitos críticos alocam o folhetim como herdeiro do romance realista, ou na verdade, como uma diferente forma de veiculação dos mesmos preceitos. E como o realismo pode ser visto muito mais como uma atitude estética do que um gênero, tal aproximação é bastante factível. Se o conteúdo das obras expressava a necessidade de conhecer a nova ordem social vigente, nada mais justo do que a simbiose com o jornalismo, também um retrato da época, (PENA, 2006, p. 29).

Conforme revela Sá (1987), no pé de página da folha de jornal, a crônica era o folhetim, ou seja, uma seção quase que informativa, na qual se publicavam pequenos contos, pequenos artigos, ensaios breves, poemas em prosa, tudo, enfim que pudesse informar os leitores sobre os acontecimentos daquele dia ou daquela semana.

Pena (2006) caracteriza a linguagem do folhetim como uma linguagem simples e acessível, pois os textos narrativos eram dirigidos a um público de variadas classes sociais. No entanto as histórias sempre continham bastante melodrama, e ao mesmo tempo tinha seu lado humorístico, o que criava uma conexão com o leitor. Outra característica era chamada de *plot*, o ponto de virada do roteiro, essa técnica é usada para causar curiosidade no leitor, suspense, seria a hora do beijo, a descoberta do assassino, todos esses acontecimentos só eram esclarecidos na próxima edição do jornal. Caso o leitor perdesse uma das edições, os escritores faziam um breve resumo dos capítulos anteriores, e assim garantiam que o público sempre ficava intrigado.

Outro ponto citado por Pena (2006) é o fato dos leitores poderem interagir com a trama, pois emitiam suas opiniões através de cartas enviadas aos jornais, e através do número de pedidos os autores poderiam mudar o final da história, e assim a intervenção constante dos leitores é uma peça fundamental na estratégia folhetinesca.

Por último é possível dizer que os estereótipos, exageros dramáticos ou repetições não significavam baixa qualidade literária. Havia força na narrativa central e na construção de personagens. Tanto é que boa parte dos autores de folhetim acabou consagrada na história da literatura universal. Os exemplos são muitos, (PENA, 2006, p.30).

Bender e Laurito (1993) classificam os folhetins como em duas espécies: o folhetim-romance e folhetim variedades. O primeiro caracteriza-se por tratar de textos de ficção, no estilo de telenovelas, onde a cada edição continham um capítulo da história. Sendo assim os principais escritores e histórias divulgadas foram: O Guarani de José de Alencar, Memórias de um Sargento de Milícias de Manoel Antônio de Almeida, O Ateneu de Manoel Antônio de Almeida e o Triste Fim de Policarpo Quaresma de Lima Barreto.

Os Folhetins-Variedades são os que têm maior relevância para o desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que essa espécie deu origem as crônicas, onde o mesmo tratava de

assuntos do cotidiano do país e do mundo. As matérias periódicas, mesmo que tratassem de assuntos efêmeros, tinha como objetivo criar uma empatia com o leitor, por conter uma linguagem leve onde o público podia aos poucos criar gosto pelo hábito da leitura.

Entre os assuntos mais variados assuntos abordados pelos cronistas, um deles existe e persiste desde que crônica é crônica, no sentido moderno do termo. Esse assunto é o que chamaríamos atualmente de exercício de metalinguagem, ou seja, a crônica que se debruça em si mesma, discutindo suas propostas, suas finalidades, sua linguagem, seus assuntos ou falta de assunto, as especificidades do gênero e suas relações com o público leitor (BENDER; LAURITO, 1998, p. 17).

Segundo Pena (2006), Machado de Assis, solidificou-se como jornalista quando era repórter do Senado Federal e foi um dos melhores exemplos de “cronista folhetinesco”, pois publicava críticas ácidas a respeito da sociedade brasileira em jornais como a Gazeta de Notícias e o Correio Mercantil.

Alguns escritores da época como: Machado de Assis, José de Alencar, Mário de Andrade, Olavo Bilac, Lima Barreto, Manoel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, destacaram-se ao escrever crônicas para o jornal diário da época, porém sem se dedicar exclusivamente ao gênero. Ruben Braga foi um dos poucos da época que se tornou cronista.

De acordo com Bulhões (2007), mesmo com o pequeno espaço, já na época poderíamos destacar nas crônicas traços fortes de suas características, que viriam ser reconhecidos futuramente, como: o de permitir entremear o comentário despretensioso e ligeiro do dia a dia, com alguma observação grave ou contundente; e o de marcar pela leveza estilística.

Bulhões (2007), ressalta que no século XIX a presença da crônica no jornal diário permitiu antever que ela seria um dos maiores recantos textuais que possibilitaria ao jornalismo servir como amparo financeiro ao escritor literário.

De certo modo a crônica se alimenta dessa convivência no ambiente jornalístico. Ao mesmo tempo, ela é o espaço despojado do jornal, livre do compromisso da verdade objetiva, espreitando os fatos que se desprendem das colunas noticiosas, colhendo-os para que possam ser comentados, ridicularizados ou absorvidos no interior de direções, lembranças e associações inesperadas, (BULHÕES, 2007; p.50).

Após toda a contribuição do folhetim, tanto para a literatura como para o jornalismo, com a evolução do jornal o folhetim foi desaparecendo. Bender e Laurito (1993), os folhetins de variedades eram extensos e abrangiam uma grande diversidade de assuntos sobre os quais os folhetinistas ia discorrendo com aquela “frivolidade” inerente ao gênero.

Para melhor exemplificar o fim do folhetim, as autoras citam um dos textos de José de Alencar de 1854 que discutia as ingratas funções do seu encargo, e ao mesmo tempo falava de outros diversos assuntos, de maneira humorística, crítica e muitas vezes graciosas. Eram uma junção de vários gêneros em apenas um espaço do jornal.

Nos tempos atuais dificilmente essa multiplicidade de assuntos estaria delimitada numa única seção de jornal. Isso porque com a evolução da Imprensa, o abrangente folhetim de variedades do século XIX foi desaparecendo para dar lugar as seções especializadas de articulistas, comentaristas, analistas e críticos, ou seja, jornalistas também especializados em determinadas matérias. Entre eles, o que chama hoje de cronista, o especializado em tudo e em nada. Melhor dizendo, aquele escritor-jornalista ou jornalista-escritor que, ao mesmo tempo, prende e solta sua imaginação criadora num espaço específico e bem caracterizado, (BENDER; LAURITO, 1993, p. 22).

2.3 CRÔNICA COMO GÊNERO JORNALÍSTICO E LITERÁRIO

Para Moisés (1967), a crônica impõe-se preliminarmente como uma reflexão a cerca do jornal (ou revista), como veículo de informação e cultura. De modo genérico nela encontramos matéria autóctone inerente a sua natureza de órgão informativo das ocorrências diárias, e matérias alóctone, estranha ou aleatória na medida em que corresponde à peculiaridade originária.

A crônica oscila entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano como fantasia. No primeiro caso, a crônica envelhece rapidamente e permanece aquém do território literário, (MOISÉS, 1967, p.105).

Em *Jornalismo e Literatura em Convergências*, Bulhões (2007), diz que a crônica atualmente é caracterizada dentro de um discurso híbrido, onde é considerada um gênero jornalístico e literário. A linguagem desse gênero, quando voltado para o jornalismo, permite ao jornalista relatar de maneira ordenada e detalhada certos fatos ou acontecimentos.

O autor ainda destaca características importantes da crônica jornalística como: linguagem simples, com tom de descontração e leveza, aberta para qualquer tipo de público, onde gera um ar de descompromisso, mesmo quando lança um olhar para os fatos mais terríveis da atualidade.

Há, portanto, uma rica condição ambivalente na crônica. Ela vive conectada as condições de produção e difusão do jornal diário e dialoga, mesmo que implicitamente com o noticiário de cada dia. Ao mesmo tempo respira despreendimento e autonomia. (BULHÕES, 2007, p.57).

Moisés (1967), afirma que a crônica se livra da reportagem pura e simples graças a outros ingredientes propriamente literários do quais é de ressaltar o humor. Em toda crônica, por conseguinte, os indícios de reportagem situa-se na vizinhança, quando não mescla com os literários, e é predominância de uns ou de outros que atrairá o texto para o extremo do jornalismo ou da literatura.

Todavia a crônica merece a tenção que lhe vem sendo dispensada ultimamente não só porque apresenta qualidades literárias apreciáveis mas porque, e sobretudo, busca subtrair-se à fugacidade jornalística assumindo a perenidade do livro, (MOISÉS, 1967, p. 107).

Segundo Ijuim (2005), o fazer jornalístico não se restringe a noticiar, mas supõe o relato das ações humanas. Por isso, há de se considerar mais que fatos, mas fenômenos sociais; sua tarefa então é compreender as ações humanas para poder narrá-las. Para tanto, exige-lhe o domínio de linguagens e a capacidade de reflexão, já que o pensamento e a linguagem são atributos humanos e indissociáveis.

Para Afrânio Coutinho (1997), em seu “Ensaio e Crônica”, o gênero da crônica confunde-se, não raramente, com o ensaio. Este, como aquele, equivale, grosso modo, a uma dissertação de curta extensão que não segue uma sistematização. Além disso, ambas compartilham da ideia do texto inacabado, cujos assuntos parecem tender ao infinito.

Segundo Sá (1987), a crônica, assim como o jornal, nasce, cresce, envelhece e morre em vinte e quatro horas. Essa veia jornalística imprimiu-lhe fugacidade e um traço popular que se opõem ao caráter eterno e elitista do gênero literário. Talvez por essas características a crítica, em geral, a considere um gênero menor.

Bulhões (2007), afirma que reconhecer *chronos* na etimologia de crônica é entender que ela se situa sempre na frequência de uma determinada faixa temporal, associa à necessidade de registrar eventos de uma dada circunstancialidade. Trata-se portanto de um gênero que fixa o tempo em que é realizado e ao qual se refere. O tempo da crônica não deixa de ser, pois, o do próprio cronista.

Para não possuir grandes ambições e por não comprotar sisudez, a crônica nos salva a todos, leitores de jornal, como exercício de liberdade. A liberdade que é própria do caráter lúdico da literatura. E, com seu tom de conversa fiada, a crônica “dá um tempo” à fadiga que pesa entre cada edição nossa de cada dia, (BULHÕES, 2007, p.61).

De acordo com Fabio de Lucas (2008), a crônica se tornou um gênero especial para o jornalismo brasileiro, pois o jornal se encarregava de oferecer através dos folhetins emoções diárias, e para atingir camadas populacionais mais extensas, cuidou de adaptar a linguagem à expressão próxima da oralidade. Adotou um coloquialismo distanciado das pompas de estilo então virgentes entre os escritores. Desativou o linguajar tornando-o mais acessível ao homem comum.

No Século XX, o Modernismo brasileiro é um dos pontos cruciais do qual se pode afirmar que a crônica teve repercussão não apenas no âmbito literário, mas também social, uma vez que escritores se preocupariam não apenas com a estética do texto, mas em passar as frustrações vividas pelas sociedades através da literatura. A quebra de paradigmas impostos pelo parnasianismo, que era uma corrente conservadora e pacifista, foram expressos pelo modernismo, que ia de contra ponto ao parnasianismo, uma vez que se tratava de uma corrente renovadora contendo em si os germes que antecipam a revolução da linguagem e contribuem para a eclosão da crônica, (BENDER ; LAURITO, 1993, p.33).

Bender e Laurito (1993) citam que para a eclosão da crônica, no movimento modernista, alguns crônicas como que renovaram a linguagem desse gênero textual como Lima Barreto e João do Rio.

Segundo as autoras as crônicas de Lima Barreto, falavam da vida urbana e suburbana do Rio de Janeiro, usando em suas narrativas sempre finos traços de ironia, através de uma linguagem simples e acessível, o que era um contra ponto a corrente parnasiana, uma vez que se preocupavam mais com a estética da linguagem, do que em retratar a realidade da época usando sua criticidade de escritor.

Segundo Brender e Laurito (1993), Paulo Barreto mais conhecido como João do Rio foi cronista, contista e jornalista, ele modificou a forma de se escrever a crônica uma vez que tira o cronista da redação e o leva para as ruas, e assim transforma a reportagem de campo nas mais diversas impressões dos aspectos da vida urbana. João do rio não só fez crônica como denunciou os contrastes da sociedade que conviviam a beleza da paisagem e as malezas sociais, como a insalubridade, o vício e a miséria.

Porém, a consagração definitiva do modernismo aconteceu em 1930, e consagrou-se como característica da crônica, devido a busca pelo coloquialismo e pela noção de brasilidade, que foi divulgada por autores como Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond e Rubem Braga, sendo considerado um dos principais autores da época a divulgar a crônica moderna no Brasil.

De acordo com Candido (1992), enquanto outros nomes do modernismo (e também

os que despontariam depois) praticavam a crônica, mas não deixavam de escrever poemas, contos e romances, Rubem Braga se manteve dedicado quase exclusivamente ao gênero – com a exceção de seu tardio *Livro de Versos*, publicado já na década de 1980. Com Drummond, Bandeira e Mário de Andrade transitando entre a prosa e a poesia, Braga foi o primeiro a dever sua notoriedade ao trabalho como cronista: o pioneirismo, contudo, quando desacompanhado de qualidade textual, é insuficiente para garantir a permanência do autor.

A crônica se dirige a uma classe que tem preferência pelo jornal em que ela é publicada, sempre num espaço predeterminado e muitas vezes pequeno, obedecendo muitas vezes à ideologia do veículo e aos interesses de seus consumidores. Em função dessa economia espacial nasce a riqueza estrutural da crônica. A crônica também tem uma forte atuação como formadora de opinião e para tanto seu estilo literário muito contribui. Ao comparar o poder de influência da literatura ao do jornalismo, (ROSSETTI, 2009, p. 24)

A crônica é um olhar diferente e fragmentário do real que não ambiciona a totalidade dos fatos, como uma fotografia do real que capta poeticamente o instante, dando a ele uma dimensão de eternidade. Assim, a crônica é um gênero literário produzido essencialmente para ser vinculado na imprensa, seja nas páginas de uma revista seja nas páginas de um jornal. O gênero tem uma finalidade utilitária e predeterminada: o entretenimento, por vezes acompanhado da reflexão crítica. Um de seus objetivos é agradar aos leitores dentro de um espaço sempre igual e com mesma localização criando-se, assim, no decorrer dos dias, uma familiaridade entre o escritor e aqueles que o lêem, (ROSSETTI, 2009, p. 24).

CAPITULO 3

3.1 METODOLOGIA

O terceiro capítulo desta Pesquisa apresenta uma análise das crônicas de Hélio Pennafort na perspectiva do jornalismo literário, publicadas na obra *Estórias do Amapá* no ano de 1984 pelo departamento de imprensa amapaense. Para tanto, o autor faz um registro da figura do caboclo, através de várias viagens realizada por ele com o intuito de reportar sobre os diversos aspectos, sociais, econômicos e culturais vivenciados na época no interior do Estado. Sobre o aspecto metodológico, vale destacar que optamos por analisar as crônicas do jornalista, com especificações no item 3.2, que apresentaremos a seguir.

A obra *Estórias do Amapá*, uma das mais importantes da carreira de Pennafort, reuni ao todo 21 crônicas jornalistas, e um belo registro fotográfico a respeito de cada uma de suas experiências. Antes, de apresentarmos a análise, buscamos conhecer a biografia de Hélio, com o intuito de mostrar a importância do jornalista na construção da imprensa amapaense, em uma época onde pouco podia expressar opinião no jornalismo.

3.1.1 O jornalista Hélio Pennafort

Na década de 60, iniciar um jornalismo alternativo em um país que vivia uma ditadura, não foi uma tarefa fácil, mas Hélio tinha a necessidade de expor suas ideias para a população, de lhes fazer refletir sobre a sociedade em que viviam na época, e sobre outros assuntos onde despertava o senso crítico do povo amapaense, e colocava a figura do caboclo como protagonista da maioria de suas histórias. Nessa época o jornalismo amapaense buscava sua identidade com liberdade de expressão, (BATISTA; MELO, 2007; p. 10).

Hélio Guarany de Souza Pennafort, nasceu no município de Oiapoque no dia 21 de janeiro de 1938, sendo o filho mais velho de Dona Cezarlina Guarany Pennafort e Rocque de Souza Pennafort, que tiveram quatro filhos, e no segundo casamento sua mãe teve mais nove filhos, o que rendeu a Hélio uma família bem grande de treze irmãos. Foi no município que faz fronteira com a Guiana Francesa que ele passou sua juventude, quando criança era menino muito esperto, que brincava tomando banho de rio, e participava ativamente dos movimentos de jovens, praticava voleibol, além de comer peixe assado na beira do igarapé.

Hélio nunca gostou de estudos formais, porém seu interesse pelo jornalismo começa a florescer, quando na adolescência Pennafort descobre o gosto pelo telegrafo, pois seu pai além de prefeito era também telegrafista do município de Oiapoque, então os 15 anos, através do convívio com o ofício do pai, Pennafort começa a desenvolver suas habilidades como telegrafista, o que o deixou seu Rocque surpreso, porque operar o aparelho não era uma tarefa fácil.

As informações do telégrafo eram transmitidas através do código de morse, cujo seu sistema era binário de representação à distância de números, letras e sinais gráficos, utilizando-se de sons curtos e longos, além de pontos e traços para transmitir mensagens. Sendo assim o telegrafo era o um equipamento moderno e um dos principais e mais rápidos meios de comunicação do município.

Com o desenvolver de suas habilidades, Pennafort começa a se tornar uma espécie de porta-voz para Oiapoque, e através da transmissão das informações vindas de várias partes do Estado, nasce também sua paixão pela notícia. Então, em 1968, Hélio inicia sua carreira como radiojornalista na Rádio Educadora.

O domínio que Hélio tinha com o código de morse, foi o ponta pé inicial para sua carreira de jornalista, pois conforme Pennafort descreve em sua obra intitulada “Entrevista ao Leitor”, o telegrafista era uma pessoa indispensável em qualquer departamento de rádio - jornalismo, pois o teletipo era uma vantagem de poucas emissoras e o telex ainda estava nas manchetes. Para tanto as emissoras ou contratavam um telegrafista em tempo integral ou copiavam as notícias de outras emissoras.

As agências transmitiam em código morse, numa média de 40 palavras por minuto, sem repetição, o que obrigava o telegrafista a ser muito atento e bom de máquina. Meses depois passei a acumular a função de telegrafista com a de redator de noticiários, na mesma emissora, (PENNAFORT, 1982, p.10).

Segundo Pennafort (1982), o diretor da programação da Rádio Educadora na época, José Maria de Barros, lhe ensinou muito sobre o radiojornalismo, pois além de excelente jornalista era uma das poucas autoridades em radiofonia na Amazônia, que sustentava programações que tinha uma linha de vanguarda, e assim não ficava atrás das rádios de cidades paraenses. José Maria foi quem ensinou a Hélio várias técnicas de reportagem, segundo o autor, a primeira missão que o diretor lhe passou foi ajudar na cobertura da visita do Presidente Costa e Silva no dia 12 de agosto de 1968, oito dias após a inauguração da Rádio.

A partir desse momento Pennafort construiu sua carreira no rádio, simultaneamente com a sua carreira no jornal impresso. Segundo a pesquisa intitulada “o Jornalismo caboclo de Hélio Penafort”, das autoras Batista e Melo (2007), o jornalista destacou-se não apenas por ser repórter de um jornal falado da emissora, mas também como redator e apresentador de programas regionais, além de participar do programa “Um Tema na Ordem do Dia”, o mais comentado da época, onde produziu matérias polemicas, que continha entrevistas com pajé, uma prostituta e um pai de santo, este com reprodução de um ritual de umbanda.

Hélio também trouxe para esse veículo na década de 70 o rádioteatro, onde apresentava histórias do cotidiano amapaense:

A primeira história adaptada e vinculada foi “Um Pedaco da Vida”, que segundo registros do próprio autor, “inspirada num fato nada agradável que começou nas barrancas do rio Cassiporé e terminou em pleno bairro Pacoval”. A estreia teve a apresentação do jornalista Élson Martins que destacava a simplicidade dos diálogos e a proximidade da história com a vida dos ouvintes, (BATISTA; MELO, 2007, p. 22).

Além de todo esse talento para o rádio, percebemos que os maiores trabalhos do jornalista ficaram registrados na mídia impressa, onde desde cedo já se dedicava a escrita, através de inúmeras matérias, contos e crônicas onde muitas delas foram adaptadas em livros. Pennafort (1982), afirma que a primeira vez que sentou em frente a uma maquina com disposição de escrever para um jornal foi 1958, o jornal chamava-se Vagalume idealizado pelo professor José Juracy dos Santos. Vagalume era um jornal pequeno, onde sua tiragem chagava apenas a 50 exemplares, pois era datilografado em papel manilha, suas matérias eram todas voltadas para o município de Oiapoque, dando destaque para o voleibol que era o esporte mais praticado da cidade. O jornal saiu de circulação na sua 4º edição, porém foi onde Hélio pode iniciar sua contribuição para o jornalismo impresso.

Depois fizemos o “Goal” de parceria com o Manoel João e a Marly Cunha. Este tinha até charadase palavras cruzadas. Na “grande imprensa” amapaense estreie na “Voz Católica” com a noticia da formatura da primeira turma de corte e costura da parquia de Oiapoque. Depois fiz a cobertura da vista do Ministro da Guerra, Jair Dantas Ribeiro, à Clevelândia do Norte. Saiu na primeira página tanto da “Voz” quanto do “Amapá” vindo pra cá, passei a me dedicar mais aos jornais, fazendo parte da redação da “Voz Católica”, ao mesmo tempo em que atuava na Rádio Educadora (PENNAFORT, 1982, p.65).

Segundo Batista e Melo (2007), a atuação de Hélio na imprensa amapaense a partir da década de 60, contribuiu para o resgate de uma parte da história do Amapá, uma vez que o jornalista realizou um trabalho singular de registro da cultura amazônica, mais precisamente a do seu agente principal que é o homem da floresta, o caboclo. Transmitindo com muita

clareza, simplicidade e poesia as riquezas do interior, sua fauna e flora, e principalmente seu povo e suas tradições. Hélio conseguiu fazer nessa época aquilo que nenhum jornalista tinha feito antes no Amapá, pois ele tinha o dom de transmitir a vida na Amazônia brasileira.

As autoras também afirmam que Hélio mudou-se para Macapá, após aceitar uma proposta de Estágio na Assessoria do Governador Pauxy Nunes, que governou o território de 1958 até 1961. Até então Pennafort era correspondente do jornal a “Voz Católica”, esse jornal agia de contra ponto com o porta voz do governo, o “Jornal do Amapá”, e publicava notícias que eram censuradas pela ditadura.

Embora estando inicialmente voltado para a igreja católica, o jornal que ficava sobre o comando da Prelazia de Macapá tendo como primeiro editor o padre Jorge Basile, pode divulgar notícias do jornalismo alternativo como a publicação do primeiro Manifesto Popular Pró-Estado do Amapá no dia 09 de junho de 1963, pois nessa época o Amapá era território federal do Pará. Além disso o jornal contou com a contribuição de jornalistas que atuam até hoje, como Elson Martins, João Silva e Bonfim salgado.

De acordo com Batista e Melo (2007), ao residir em Macapá Hélio Pennafort escreveu sua própria coluna: “A voz de vocês”, e durante esse período ele se enturmou com Alcy Araújo, Cordeiro Gomes, Arthur Néri Matrinho, e “outros construtores de poesia”.

Era uma geração de jornalistas intelectuais, poetas e músicos e por isso mesmo, as matérias publicadas traziam uma linguagem simples e poética. Foram notícias em formas de crônicas, contos e artigos que davam gosto de ler. Havia toda uma contextualização dos fatos devido ao vasto conhecimento dos jornalistas autodidatas que demonstravam ainda possuir uma visão de vanguarda da época, devido ao enfoque dado as notícias (BATISTA; MELO, 2007, p.10).

Mesmo não havendo uma tecnologia avançada na época, a falta de imagem nos textos, não impedia que as notícias fossem bem apuradas, muito pelo contrário, os textos eram escritos minuciosamente, mantendo sem a preocupação com a informação completa escrita em uma linguagem simples e de fácil compreensão. Por colocar adotar em seus textos essa linguagem simples, com uma carga muito forte de regionalismo, Pennafort pode ganhar destaque em jornais do Pará.

Pennafort (1982), afirma que na imprensa paraense ele começou no Jornal Folha Norte, como correspondente, sua primeira reportagem falava sobre Oiapoque e de uma viagem que ele fez ao Cassiporé, pelo lago do Maruani. Por se tratar de uma reportagem que misturava folclore com aventura, ela pode ganhar de cara a página inteira do jornal. A Segunda reportagem abordou outro tema regional, e tratou a respeito da vila do Sucurijú, que

contou pela primeira vez a saga do caboclo na costa do norte.

Após a Estreia na Folha do Norte, Hélio começou a escrever para pequenos artigos para a “Província do Pará”, e posteriormente escreveu reportagens que foram publicadas nas capas domingueiras do segundo caderno, destacando principalmente a vida dos homens que heroicamente povoam o interior da Amazônia, especialmente o Território do Amapá.

Batista e Melo (2007), afirmam que a forma como Hélio exaltou as riquezas do Amapá, dentre as quais as principais era o homem amazônida, o caboclo ou como ele mesmo preferia dizer: “o caboco do Interlân” – Caboclo do interior, fez com que seu trabalho ganhasse repercussão nacional, e se tornou uma referência na Amazônia através do seu trabalho como correspondentes de jornais como o Jornal do Brasil (RJ) e o Estado de São Paulo, além de colaborador do Jornal da Tarde (SP).

Além da mídia impressa e do Rádio, o Jornalista também produziu reportagens para a TV, que só chegou ao Território do Amapá em 1975. E assim a Tv Amapá formou sua primeira equipe com Hélio Pennafort, Corrêa Neto, Luis Melo, Humberto Moreira e outros. A falta de tecnologia e os poucos recursos faziam com que os jornalistas apenas lessem as matérias no estúdio, pois não havia como mostrar imagens de suas reportagens com tomada externa, pois de acordo com Wagner Gomes, pioneiro do telejornalismo amapaense, em entrevista ao Jornal do povo em 17 – 19 de julho de 1982, o equipamento de VT naquela época pesava mais de 50 quilos e era movido a eletricidade, o câmeraman tinha que manusear a câmera e o VT ao mesmo tempo, o que gerava grandes conflitos para se fazer uma tomada externa, então para solucionar esse problema colocava-se o equipamento em um caminhão e ligava na rede elétrica e assim podia se produzir reportagens nas ruas.

Hélio Pennafort também ocupou cargos publico, mesmo sem ter tido filiação partidária, Batista e Melo (2007), afirmam que no Governo de Arthur Henning (1974 - 1979), foi prefeito do município de Calçoene, por mais de um ano, chefiou assessorias de Imprensa, Relações Públicas e Turismo. No governo Seguinte de Anibal Barcelos, assumiu a sub chefia do Gabinete, e ocupando depois a Assessoria Especial do Governo e a direção do Departamento de Comunicação Social.

Há contribuições de Pennafort ainda para cinema com a produção de curta metragens, 15 documentários para a televisão, além de participações em peças de teatro e musica.

... Na parceria com o grupo Pilão, formado pelos irmãos Juvenal e Eduardo Canto, Leonardo Trindade, Orivaldo Azevedo, Marilene Costa e Bi Trindade. Colaborava com grupo passando informações acerca das manifestações musicais dos habitantes da Amazônia, seja em centros urbanos ou não, inclusive das aldeias indígenas. Esses

músicos e compositores tinham como proposta o resgate das manifestações espontâneas das comunidades do interior. Coisa que o jornalista tão bem conhecia contribuía, pois fazia pesquisas de campo muitas vezes acompanhado de integrantes do grupo. Um exemplo dessa contribuição é o resgate que ele fez da música Caóta, que retrata o folclore de uma comunidade do baixo rio Araguari, gravada no CD em comemoração aos 20 anos do GRUPO PILÃO “Na Maré dos Tempos”, lançado em 1996, (BATISTA; MELO, 2007, p. 24).

Nenhuma contribuição de Hélio para a cultura amapaense foi tão grande quanto para o campo literário, suas grandes reportagens e relatos de suas experiência de vida divulgados na mídia impressa, rádio e TV, foram publicadas em cinco livros, editados pelo Departamento de Imprensa Oficial.

Micro reportagem (1980) foi o primeiro livro, produzida no Estilo de Grande reportagem, o segundo livro foi Entrevista ao Leitor (1982), nesta obra Hélio o autor faz uma espécie de diário, onde relata como fez suas reportagens para o rádio, fazendo uma contextualização sobre a imprensa na época em uma espécie de autobiografia.

Um Pedaco Fotopoético do Amapá(1983), como terceiro livro publicado, é uma obra feita de registros fotográficos que o autor fez durante suas viagens ao interior do Estado, suas legendas foram feitas em forma de poesia, com o intuito de destacar a beleza dos lugares e das pessoas que habitam neles.

Estórias do Amapá (1982), escolhida como objeto de estudo para essa pesquisa, reuni uma serie de reportagens de Hélio Pennafort, publicadas em formas de crônicas. A linguagem bem humorada que retrata as diversas viagens que Hélio Fez pelos interiores, retrata o caboclo, os igarapés, as paisagens, e entre outras coisas do cotidiano do interior, de maneira bem humorada, como uma linguagem cheia de regionalismo e questões que nos fazem refletir e valorizar o lugar em que vivemos.

O ultimo livro, Amapaisagens (1992), também reuni uma coletânea de crônicas a respeito da vida do autor, que traçam o perfil de sua vida de uma forma leve e simples relatando o “causos”, “estórias” de seu cotidiano, e histórias do Amapá através do registro das peculiaridades da região e da cultura do povo.

Todas as suas obras sejam elas em forma de crônicas, poesia, prosa ou fotografia, retratam a beleza do povo amapaense, qualidade essa que muitas vezes passa despercebido aos nossos olhos, mas Hélio tinha esse dom, de ver o invisível, de nos fazer rir de coisas banais do nosso cotidiano, de colocar em destaque o nosso dialeto e a vida simples do Povo amapaense.

Segundo Batista e Melo (2007), todas as coisas retratadas por Hélio, em suas obras, muita gente conhecia, mas não dava o mesmo valor que o jornalista, porque ele tinha um

olhar diferente: a percepção da beleza e da riqueza que vem do simples, do natural. Foi através de suas publicações que as pessoas que moravam em Macapá e no Pará, passaram a conhecer melhor a vida dos ribeirinhos e extrativistas do Amapá.

As autoras ainda ressaltam que o acesso as comunidades e municípios do interior eram de difícil acesso, muitos deles por via fluvial e poucos se aventuravam a essa “empreitada”, mas para Hélio essas viagens representavam uma diversão, pois poder conhecer a fundo a cultura, tradição e aflições de um povo era um grande prazer para o jornalista, que escrevia todas essas histórias de forma singular, dando ao leitor a sensação de está nos lugares das histórias escritas por ele.

Em cada uma dessas obras, acentua-se o olhar ímpar do autor sobre o seu Estado, um olhar próprio para cada situação, vivida e descrita de maneira singular e apaixonante. Acredita-se que o vasto conhecimento adquirido na telegrafia fez com que ele tivesse umavisão de mundo ampliada onde conseguiu enxergar o que estava diante de nossos olhos mas, não conseguíamos ver. Ele não só captou a riqueza da cultura local mas, também a difundiu, através do que pesquisava e escrevia (BATISTA; MELO, 2007, p.25).

Essas publicações renderam a Hélio um acento como Membro na Academia Amapaense de Letras, no Conselho Estadual de Cultura e na Assosiação Amapaense de Escritores do Amapá, além de receber prêmios importantes como, o Melhor Locutor Repórter, conferido pela loja ACredilar em 06/03/1971, e o prêmio Psonia conferido pelo Jornal do Dia em homenagem aos 100 anos de imprensa no Amapá.

Hélio Pennafort ainda colaborou para jornais como o Diário do Amapá, escrevendo uma coluna intitulada: “Dito Popular”, assinada com o pseudônimo L. Ferreira, uma pagina dominical no Jornal do Dia, intitulada “Histórias do Amapá”, Além do Programa radiofônico “Porque Hoje é Sábado”, na Rádio Difusora de Macapá. Essas foram as ultimas atividades do Jornalista na imprensa amapaense.

Nas relações pessoais, Hélio sempre era citado como bom amigo, foi casado duas vezes, a primeira com Rita Jesus Cordeiro com quem teve duas filhas: Héliida Cordeiro Pennafort e Juliana Tainá Cordeiro. Após o divorcio, o jornalista foi viver com sua segunda companheira, Irenilde Maria Gibson Barbosa, e assim teve mais duas filhas: Helenilde Gibson Barbosa e Hirene Gibson Barbosa Pennafort.

Em entrevista por e-mail com o Professor Rostan Martins, que era um dos seus melhores amigos, revelou que Pennafort herdou o talento para escrever de seus avós, e que era bastante criterioso, detalhista, um verdadeiro jornalista profissional. Apesar de não ter formação acadêmica Hélio fazia um jornalismo regionalista, Seu objetivo era divulgar os

coisas, lugares e linguagens caboclas. Tinha fascinação por interior, relatava conversas inteiras com os ribeirinhos. E divulgava isso tudo. O objetivo era fazer com que o regionalismo fosse conhecido por todos.

Todo jornalista e radialista da época, no início era autodidatas, aprenderam na prática, com jornalista e que vieram para Macapá. São os chamados provisionados, e que poderia atuar na profissão já que não existia faculdade de jornalismo, a lei amparava, provisionando a eles. Depois que veio as faculdades, o sindicato começou a cobrar o diploma, então, Luiz Melo, J. Ney, Carlos Lobato, Alcineá e dentro tantos outros, são jornalistas provisionados. Não fizeram faculdade mas são considerados jornalistas, (2 MARTINS, 2016).

Rostan Martins tem várias Lembranças de Hélio em vida, pois como Diretor da Rádio difuso na época, revela o quanto ele era criterioso, não faltava, chegava cedo e revisava o programa antes de entrar no ar. Já na redação do jornal diário do Amapá, ficava contando histórias dos ribeirinhos e coisas do interior. Foi um contatar de causos do regionalismo brilhante.

Seu amigo Rostan também acompanhou seus últimos dias em vida, e diz que ele aproveitou para viver. Todos os dias de manhã, por volta das 7h, Hélio ia em uma bicicleta, com seu neto, à praça beira rio e fica caminhando e brincando de bola com ele. Seus últimos anos foram dedicados ao neto.

Hélio Pennafort morreu no dia 19 de fevereiro de 2001, na cidade de São Paulo, com insuficiência respiratória decorrente de um enfisema pulmonar. Sua morte gerou comoção no Amapá e ele recebeu várias homenagens vinculadas nos principais jornais do Estado.

3.2 ANÁLISE DAS CRÔNICAS REUNIDAS EM ‘ESTÓRIAS DO AMAPÁ’

O Livro Estórias do Amapá, de Hélio Pennafort, foi publicado em 1984 pelo Departamento de Imprensa Oficial. A obra é considerada a segunda edição do livro “Microreportagem”, porém em Estórias do Amapá, Pennafort acrescenta uma pitada a mais de humor ao descrever as paisagens do interior do Estado, através de várias imagens e uma narrativa bem descontraída a respeito dos fatos por ele vivenciados.

As experiências relatadas em forma de crônicas fazem uma junção da literatura e jornalismo o torna a leitura cada vez mais interessante, uma vez que suas crônicas jornalísticas são um retrato do Amapá das décadas de 60, 70 e 80.

²MARTINS, Rostan. Entrevista concedida por e-mail a Janylle Nogueira . Macapá/AP, 30 de julho de 2016.

Podemos perceber com a análise da obra que o interior do Estado sofreu poucas mudanças desde essa época, as pessoas ainda continuam com suas atividades cotidianas como a pesca e a caça, tomando banho a beira do igarapé e levando uma vida simples cercada pela nossa Amazônia.

De um modo geral, ao analisar a narrativa do jornalista em *Estórias do Amapá*, identificamos as características da crônica jornalística pela tentativa de documentar, retratar e apresentar o cotidiano de um lugar, suas características, modos culturais e hábitos que representam o cotidiano vivido e atual para a época.

De acordo com Bender e Laurito (1993) ao misturar o gênero literatura e jornalismo para se escrever uma crônica, podemos torna-la muito mais que apenas um assunto discutido na página de um jornal, mas torná-las perenes.

Hélio pode eterniza-las ao registrar todas suas publicações, feitas na imprensa amapaense, em forma de livros, pois além do leitor poder conhecer o trabalho de Hélio. O livro se tornou uma espécie de arquivo documental da cultura amapaense, uma vez que o jornalista tem total de liberdade de expor seus sentimentos a respeito do cotidiano vivenciado pelos amapaenses na época.

Por conter uma narrativa que dialoga com o leitor, a crônica, trás uma percepção pessoal de Hélio sobre a visão que tem do Amapá, através de uma linguagem simples, espontânea percorre caminhos da literatura e do jornalismo com o intuito de mostrar uma realidade muitas vezes esquecida pela sociedade, o que faz do jornalista uma torna uma espécie de porta voz do Caboclo e da Amazônia, e assim comunica e faz com que o leitor crie uma identidade com o texto.

É com base nessas marcas estilísticas e narrativas presentes na crônica, que observamos na perspectiva do jornalismo literário, a produção do jornalista Hélio Pennafort, a partir de três grandes eixos: 1) temas e abordagens das crônicas, de forma a observar preocupações recorrentes e questões centrais de interesse do cronista como jornalista; 2) linguagem e narrativa do jornalista, considerando características do jornalismo literário (PENA, 2006; CASTRO, 2010; MARTINS, 2010; LIMA, 2003; BULHÕES, 2007) nos aspectos estilísticos e de uso da linguagem, 3) Características gerais do gênero crônica jornalística, considerando categorias e características do gênero na produção do jornalista em estudo.

3.2.1 Os temas e abordagens

Os temas abordados por Hélio em suas crônicas jornalísticas revelam várias características no que diz respeito à figura de seu personagem principal que é o caboclo da Amazônia.

Em sua primeira narrativa intitulada “O Exotismo e Sossego do Igarapé”, o jornalista expõe características a respeito do cenário interiorano ao descrever de forma minuciosa sobre os igarapés como Taparabu e o Manuani, que revelam a tranquilidade do local através de palavras como: “Para o caboclo o igarapé representa primeiro, muita paz, muita tranquilidade, muito aconchego”.

Dentro do cenário das cidades do interior é que Pennafort vai contextualizando a imagem de seu personagem principal, através de expressões típicas do interior, como: “Ela não quis mais fazer o “caquiado”, fragmento citado por Hélio ao falar de uma desilusão amorosa de seu amigo na Crônica: “Exemplos que chegam do Interior”. Além disso, o jornalista preocupa-se em mostrar fatos curiosos a respeito de municípios, como Amapá, Calçoene, Oiapoque, Mazagão e entre outros.

De acordo com Portella (1977), como um registro das coisas da cidade, de suas expressões, suas falas, a crônica atinge um significado linguístico da maior importância. Porque a língua da crônica é a língua da cidade. E a língua da cidade, ou das cidades, é a que mais se aproxima do que se quer que seja a língua brasileira.

Sobre essa perspectiva cabe a Hélio as características de um jornalista Flâneur, que é a designação criada por Baudelaire e desenvolvida por Walter Benjamin para descrever o observador da cidade. Benjamin atribui à flânerie a base sobre a qual o jornalismo se desenvolve.

Bulhões (2007), diz que diante da imagem de um jornalista - flâneur compreende-se que o ato de caminhar e apurar acontecimentos demonstrando a intenção de ser do íntimo deles, colocando-se a pele do real, deve, no entanto receber a ponderação, de que se trata de uma atitude descompromissada e errante de alguém que caminha a esmo sem rumo, um ser curioso do mundo e de seus trânsitos temporais.

No contexto das cidades descritas por Hélio, a existência do flâneur, em suas crônicas é capaz de extrair uma multiplicidade de olhares sobre o cotidiano da cidade mimetizando-os em sua narrativa, trazendo à tona fatos aparentemente banais, mas capazes de causar reflexão, ou apenas divertir.

Hélio como nenhum outro jornalista da região descreveu tão bem as paisagens

naturais do Amapá, percebe-se em Estórias do Amapá, a grande admiração do jornalista para escrever sobre os rios. Além de iniciar o livro já retratando a beleza natural do igarapé, Pennafort narra a respeito de mais três lugares semelhante, e assim intitula crônicas jornalísticas como: “A Feliz Solidão do Mutuacá”; “Ipixuna: o Desafiador das Pororocas”; e “Araguari e seus Dependentes”

Na “Ipixuna: o Desafiador das Pororocas”, notamos o contraste entre sossego e agitação, pois ao mesmo tempo em que o autor expõe na crônica o isolamento, a paz, a calma com que o caboclo leva ao morar as margens do Mutuacá, ele descreve a agitação, perigo e adrenalina de se viver as margens da Pororoça.

Os ipixuaneses ficaram desassossegados vendo as casas começarem a desabar sem poder fazer absolutamente nada. As primeiras a cair foram o posto policial, e a capela. Depois desapareceram a escola e duas casas comerciais. Vendo aquilo uma parte do pessoal começou a desbandar pensando que a devastação não deixaria nenhum esteio de pé. Tal não aconteceu, porém depois de duas marés, a pororoça havia levado 500 metros da frente da frente do Ipixuna, (PENNAFORT, 1984, p. 53).

Mesmo com toda essa devastação, Pennafort (1984) destaca que o caboclo tem um enorme apego aos lugares da natureza, ao ponto de nem a fúria da pororoça fazer ele abandonar seu cantinho cercado pela Amazônia, pois é através desses recursos que ele usa suas habilidades para sobreviver.

Figura 01: Caboclo as margens do Igarapé



Fonte: PENNAFORT, 1984, p.11

Na crônica jornalística a “A Devoção e Misticismo do Caboclo”; as inúmeras crendices, ladainhas e devoções a figuras religiosas, que fazem parte da vida no interior. Para melhor exemplificar o jornalista cita o misticismo que o caboclo tem ao acreditar que o olho do boto, o seu órgão genital, usados como amuletos na hora da conquista.

Em consequência caboclo que se preza é devoto de qualquer santo, acredita-se que assovio possa chamar vento nas tardes de calma, e jamais se separa o olho do boto, quando a timidez pede um confronto com a mulher desejada, (PENNAFORT, 1984, p. 75).

No decorrer de suas crônicas jornalísticas, Hélio procura reproduzir a vida simples do cotidiano caboclo, como a figura do pescador que anda em sua canoa, da mulher que corta lenha para cozinhar, do caçador, além de retratar o lado emocional desse personagem como o jeito tímido, divertido, solidário e corajoso, porém sempre deixando ao leitor uma reflexão a respeito da realidade vivenciada por ele.

3.2.2 Recursos da linguagem literária e a narrativa jornalística

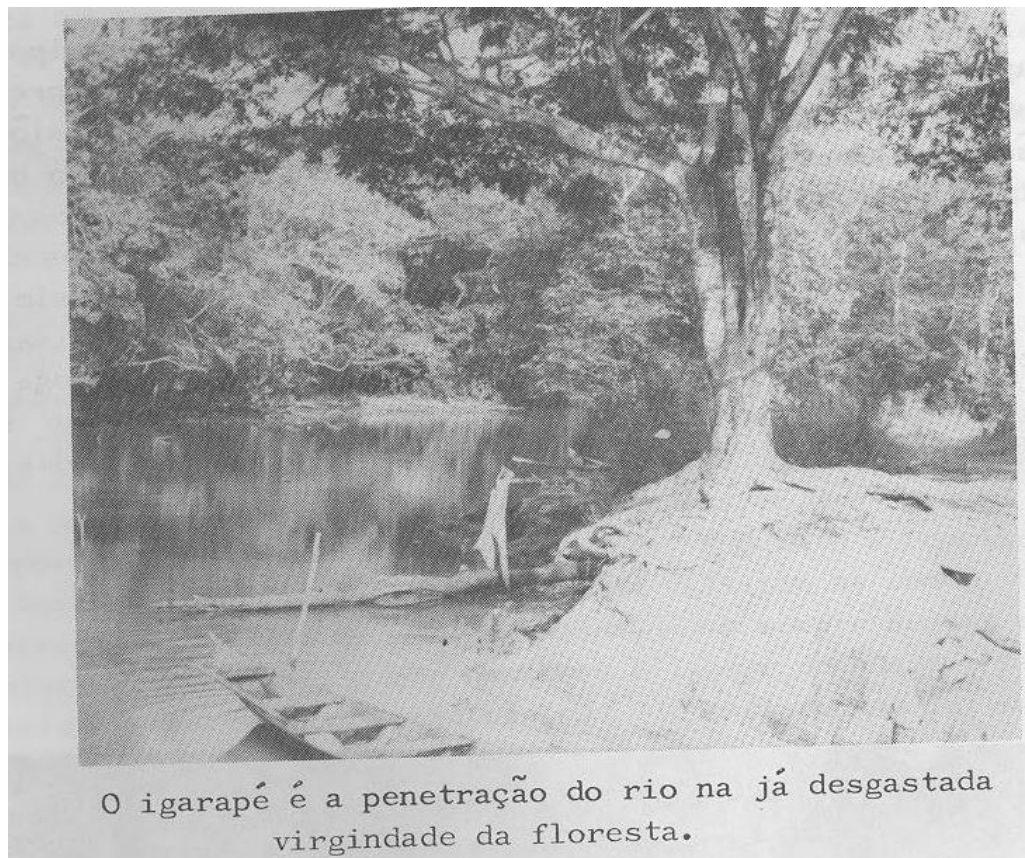
Para descrever o caboclo, com maior precisão, Pennafort usa em suas crônicas jornalísticas alguns recursos da linguagem literária, onde desenvolve uma narrativa diferente e distinta da linguagem usada em nosso cotidiano, porém, comum ao vocabulário do caboclo, pois são expressões linguísticas que melhor retratam este personagem e o cenário que ele habita.

Na análise das crônicas jornalísticas de Pennafort dentro da perspectiva da linguagem literária, destaca-se a Complexidade nas crônicas jornalística quando Hélio preocupa-se não apenas em informar o leitor, mas também com a estética da linguagem, usando desse recurso para descrever detalhes mórbidos sobre as paisagens no interior, através de uma exploração vasta de suas experiências, que dão ao texto uma linguagem não só informativa como estética. Um exemplo desse recurso está na crônica Caçadas insólitas.

Mas o que é bom em uma caçada é a gente ver o nascer do dia na beira do igarapé após a noite toda acordado, nessa hora parece que o cheiro do mato fica mais acentuado e as águas mais tranquilas. É gostoso a ansiedade de voltar pra casa e passar o dia dormindo. Uma noite na floresta trás de fato sensações diferentes. Serve para alertar os sentidos, enrijecer os nervos, enfim, testa todas as seções da nossa capacidade física e mental, (PENNAFORT, 1984, p. 17).

Ainda na perspectiva da literatura, observamos que Hélio usa a linguagem conotativa, sendo que a mesma nos permite diferentes significados e múltiplas interpretações a respeito de determinado discurso. No decorrer dessa análise encontramos termos com sentido figurado, como: “tesão do igarapé”, “palavras empoeiradas”, “surras homéricas”, são apenas alguns fragmentos tirados da Crônica o Exotismo e Sossego do Igarapé, o qual revelam o seu sentido conotativo.

Figura 02: paisagem típica do interior



Fonte: PENNAFORT, 1984, p.12

Para Melhor exemplificar essa característica, a crônica “Calçoene: Cunha do Norte”, identificamos mais traços desse recurso.

Rego Grande – povoado que passou muito tempo com a escola parada. É que no interior o povo identifica as professoras com o próprio nome do lugar. Assim, a professora Mariaera a professora dos Galybins; a Professora Diana, era a do Taperebá, a professora Alzira, era do Cunani. E ninguém queria ser a professora do Rego Grande. A Solução foi o Prefeito mudar o nome do lugar para Igarapé Grande, (PENNAFORT, 1884, p. 61).

De acordo com Terra e Nicola (2004), para a apreensão do sentido conotativo de uma

palavra ou de uma frase é necessário que se conheça primeiro, o sentido denotativo, ou seja, a representação da palavra no seu sentido básico o qual aparece no dicionário, pois a conotação é sempre uma extensão da denotação. A linguagem literária explora o sentido conotativo das palavras num contínuo trabalho de criar ou alterar o significado já cristalizado. Dessa forma a conotação permite que ideias e associações extrapolem o sentido original da palavra, assumindo assim um sentido figurado e simbólico.

Dentro da função literária da Conotação, nas crônicas de Hélio também podemos mesclar outros gêneros da linguagem literária como a figura de pensamento presente na ironia, que consistem em utilizar uma palavra, no sentido diverso ou literal, obtendo-se com isso de uma conotação depreciativa ou sátira. E as figuras de palavras presente nas metáforas, que consiste em utilizar palavra ou expressão no lugar de outra, por haver entre elas uma relação de semelhança, de similaridade. Todavia, ambas intercalam-se ao utilizar palavras no sentido figurado.

Essas figuras da linguagem literária podem ser explanadas em um trecho da crônica, “A Devoção e Misticismo do Caboclo”, onde o jornalista relata a respeito do evangelismo feito da aldeia indígena do Palikur, e na interpretação literal que os índios fazem a respeito da frase figurativa que o pastor utiliza ao dizer que brevemente o Senhor estará convosco.

Numa noite, depois de projetar filmes do novo testamento e consumir algumas horas expondo a tribo as vantagens que um homem adquiri quando devidamente convertido, o pastor solene e com impositação de voz usada para analisar passagens do livro anunciou para a atenta e submissa plateia: “Podeis, pois descansar que brevemente o Senhor estará convosco!”. Resultado: no dia seguinte e durante uma semana não houve Palikur que quisesse sair de casa para cuidar das roças, pegar peixe ou ralar mandioca. Ficaram todos quietos na expectativa da chegada do Mestre a qualquer hora, conforme anunciou a essas alturas o desorientado pastor, (PENNAFORT, 1984, p.75).

Outras duas funções da linguagem literária que estão intercaladas nas crônicas jornalísticas de Hélio são a Liberdade na criação e a variabilidade. Na primeira Pennafort tem a liberdade de inventar novas maneiras de expressar-se desvinculando-se dos padrões convencionais da língua, bem como da gramática normativa que a rege. E já na segunda função, a literatura também acompanha as mudanças culturais, que podem ser notadas não só no discurso individual, mas também no discurso cultural.

Para melhor explicar estas características nas crônicas jornalísticas de Hélio, destaca-se o coloquialismo, pois através dessa variação linguística, que o jornalista utiliza dentro de uma visão pessoal, e da ênfase a linguagem do cotidiano caboclo, através do uso de palavras como: “poronga” – que seria uma espécie de lamparina usada durante a pesca e a caça; “uba

– uma canoa pequena feita do tronco da árvore; “caquiado” – relação de afeto entre um casal, “baiuca”- pequenas mercearias do interior.

Esses são apenas alguns exemplos, que permitem ao jornalista expor as variações do vocabulário linguístico (no contraste entre o interior e a cidade), e ao mesmo tempo tem a liberdade de utilizar nesse recurso para construir uma narrativa leve e descontraída, uma vez que as suas impressões pessoais são imersas nas suas reportagens.

Porém é importante destacar que os recursos literários utilizados por Hélio, são apenas um complemento que difere das notícias que costumamos acompanhar nas páginas de jornais diários, uma vez que a literatura trabalha apenas o lado estético da palavra, que seduz o leitor, mas a crônica jornalística além de conter esses elementos, tem o compromisso de narrar os fatos e informar o leitor sobre determinado assunto.

Segundo Martins (2010), para os defensores veementes do texto jornalístico que utiliza recursos da literatura, é importante ponderar que a informação que precisa ser transmitida de forma rápida, que precisa ser lida por leitores que necessitam do efeito de objetividade, atinge melhor seus objetivos comunicacionais se acondicionada no tradicional lead. Em muitos casos, é ele quem continua representando o formato mais adequado para alcançar a intenção informacional rápida das notícias.

Aqui, não se defende o uso exclusivo do jornalismo que utiliza expedientes literários, não se acredita que ele deva estar em todos os textos, independentemente da informação que se queira transmitir. Acredita-se, no entanto, que a presença do literário nas páginas dos jornais pode contribuir para “seduzir” o leitor e dar a ele a possibilidade de perceber o fato narrado por outra perspectiva diferente da que seria dada pelo recorte tradicional, (MARTINS, 2010, p.66).

Castro (2002), diz que o jornalismo propõe não só modelos de comportamento como modelos de entendimento da realidade, sob a máscara de que nada mais faz do que retratar a verdade nua e crua. Talvez seja por isso que a literatura ainda é o realismo possível mais indicado, sem contra-indicações, ainda que incautos, ignorantes e soberbos a considerem uma abstração. A única razão de ser da literatura consiste em dizer aquilo que só a literatura pode dizer, trata-se de esclarecer narrativamente, o mundo da vida, aventurando-se no reino das possibilidades humanas. O mundo real se ilumina de forma peculiar quando sobre ele se projeta o saber literário.

Sobre essa análise, na construção da linguagem jornalista, as descrições das crônicas jornalísticas de Hélio Pennafort, são identificadas no uso de sua narrativa, pois através desse recurso, Hélio reporta com mais precisão os fatos de sua experiência através de viagens

feitas para o interior do Amapá e do Pará, e cria um discurso leve e descontraído, onde o leitor sente-se seduzido em conhecer cada vez mais sobre o caboclo da Amazônia.

Tais características dessa narrativa são caracterizadas nas próprias funções do jornalismo literário descritos por Pena (2006), pois o gênero é caracterizado como uma modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários ou inspirados pela literatura. Traços como a imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informação, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização, podem ser observados no trecho da Crônica jornalística “Divagações em Noites Avulsas”.

Os pernoites por ai, entretanto, não conduzem ao caderno do repórter apenas fatos pitorescos como anotados na foz do Calçoene, ou que mexam com a sensibilidade como observados no Bailique. Trazem também muita aula de amore desprendimento, mostra a fortaleza oculta no espírito de muita gente simples, frágil ao mesmo, como a de uma jovem professora que trabalha a seis anos no interior, apenas porque gosta da profissão, (PENNAFORT, 1984, p. 34)

Nesse trecho Pennafort, faz uma referência clara ao jornalista literário, ao descrever que a função do repórter não está apenas em noticiar fatos pitorescos, mas está em na sensibilidade de capturar os sentimentos, e com profundidade poder transmitir a notícia, um retrato da realidade vivenciada, através da visão dos personagens – técnica comum à narrativa jornalística.

Ao noticiar em forma de crônicas jornalísticas, podemos perceber que a verossimilhança é imersa nas impressões pessoais de Pennafort. Dessa maneira quanto mais o autor coloca sua perspectiva ao reportar determinado assunto do cotidiano, como as formas de sobrevivência do caboclo, o leitor consegue captar um olhar mais humano da realidade, além da humanização desse personagem. Em um trecho da crônica jornalística, “O valente e prestimoso embarcação”, consegue transmitir ao leitor as dificuldades enfrentadas pelo caboclo, quando o embarcação atrasa com alimentos básicos como arroz, feijão e farinha, e a preocupação do jornalista com a imersão da realidade quando ao fazer suas viagens.

Como era de se esperar o desanimo começou a perseguir o espirito daquela gente. E povo desanimado por falta de comida é a coisa mais horrorosa que se pode imaginar. Numa madrugada porém os insones caboclos escutaram algo parecido com o bater de máquinas rapidamente a vila acordou e apurou os ouvidos até confirmar que se tratava realmente de um barco subindo, (PENNAFORT, 1984, p. 72)

Outro ponto crucial desta análise está, no destaque da voz autoral de Hélio Penafort,

quando em sua narrativa usa a terceira pessoa do singular ao intitular-se de “repórter”, que repassam ao leitor a credibilidade jornalística, mesmo que contenha traços da linguagem literária. Como por exemplo o trecho da crônica o exotismo e sossego do igarapé:

Em suas andanças por igarapés o repórter ouviu relatos pitorescos relacionados com a mudança de comportamento do caboclo depois de levar surras homéricas do romantismo da natureza. Um deles foi perto de São Miguel dos Macacos, um tanto longe daqui (PENAFORT, 1984, p. 10).

Sato (2002) sublinha a importância do repórter não se camuflar sob aquilo que reporta. Para a pesquisadora, o uso da primeira pessoa colabora para compor o tecido significativo da história. A concepção de que o uso da terceira pessoa daria a credibilidade necessária ao fato e faria com que ele se tornasse verificável é colocada em xeque por a neutralidade torna a discurso passível de ser questionável.

Nessa perspectiva, assumir-se como participante do que está sendo narrado e apresentar-se como responsável pela do processo de construção da notícia configuram credibilidade à notícia, e, sendo ela assumidamente um recorte da realidade, legitima-a a ser uma chave para interpretação do mundo. “Para dar conta da precariedade da situação humana num mundo complexo e caótico, em rápida transformação, é preciso afiar outros instrumentos, mobilizar novos recursos” (SATO, 2002, p. 37).

3.2.3 Crônica Jornalística em Estórias do Amapá

A crônica jornalista por ser considerada como uma observação do cotidiano, ao narrar os fatos de forma detalhada e cronológica, foi o gênero que Hélio Pennafort, usou para descrever a respeito do Caboclo da Amazônia, dentro do contexto social em que está inserido.

Candido (1992) atribui a crônica jornalista, duas principais características do jornalismo que é a atualidade e a informação, pois ela é escrita a partir da observação do cotidiano e seu conteúdo é rico nas informações sobre os fatos observados.

Na obra Estórias do Amapá (1984), Pennafort, faz de suas narrativas mais do que uma simples notícia para a temporalidade daquele período, pois através da crônica jornalística, ele pode retratar o caboclo em uma construção textual mais livre, pois esse gênero é também considerado híbrido uma vez que percorre o caminho da literatura e do jornalismo.

Seu personagem principal e o meio em que vive, jornalisticamente, torna-se um importante elemento de crítica social, capaz de constituir representações sobre o cotidiano do

interior da Amazônia, em especial os Estados do Amapá e Pará, os quais permitem perceber quais as relações sociais que permeiam em meio a sua realidade e o contraste na relação de Capital e Interior, que fazem parte de um contexto histórico retratados pelo jornalista.

Segundo Pereira (2004), a crônica determina novas relações com os gêneros jornalísticos, não se limitando a informar ou opinar; mas construindo novos significados na própria articulação entre várias linguagens que o cronista exercita para explicar as representações de seu mundo ao leitor.

Na Crônica jornalística “A Republica do Caunnany, e a Vila do Cunani”, Hélio inicia sua narrativa citando todo um contexto histórico a respeito da vila do Cunani, localizada no município de Calçoene. Os fatos históricos relatados por Hélio no decorrer dessa narrativa traz conhecimentos pitorescos a respeito do Amapá, de uma forma que consegue unir o útil ao agradável, pois o autor usa da sua criatividade para construir uma linguagem mais livre e informativa, ao mencionar acontecimentos como o Tratado de Utrech, a exploração francesa, e o percurso que o Amapá percorreu para se tornar um Estado brasileiro. Esses fragmentos mostram o quanto o jornalista se preocupa em trazer nas suas narrativas questões que ajuda o leitor a compreender melhor o espaço que vive.

Para tanto, nessa crônica jornalística Pennafort, além de fazer um relato sobre o contexto histórico da vila do Cunani, faz uma crítica social, revelando seu ethos jornalístico, ao descrever sobre entrevistas que fez a 20 jovens do segundo Grau, onde questionou a eles a respeito da vila de Cunani, se eles sabiam do que se tratava, e segundo o autor, apenas um respondeu, e disse que Cunani se tratava de um Peixe. Esse exemplo nos faz refletir sobre o quanto o interior do Estado do Amapá é pouco divulgado.

Contudo, o Cunani existe. É o principal Distrito do município de Calçoene, com 280 habitantes. Hilário Gurjão, 73 anos, aposentado pelo FUNRURAL, parece ser o mais antigo daquela comunidade onde a maioria é gente de cor. Lúcido, conta quemuitas estórias do lugar, todas lembrando o tempo de movimentação da sua juventude. Detalhe importante que se observa imediatamente, é a constante ocupação do povo. Ali todos se acostumam com o trabalho desde pequenos conseguindo desviar do caminho da indolência que a prodigalidade da natureza invariavelmente conduz os filhos da Amazônia, (PENNAFORT, 1984, p. 30).

Ao retratar sobre a realidade dessa pequena vila do interior, tão pouco lembrada, a crônica jornalista de Pennafort, abre campo para uma visão crítica que, segundo Lúcia Santaella (1996), necessita da criatividade para vir à tona. Neste sentido, criticidade e criatividade encontram-se e reforçam-se na crônica jornalística.

O processo criativo no jornalismo é tanto mais criativo quanto mais despertar para

uma vinculação crítica com o imediatismo dos acontecimentos, pois o jornal trabalha dentro de uma função-compromisso social explícito: gerar no seu mosaico do mundo-de-cada-dia a visão crítica da atualidade, (SANTAELLA, 1996, p.55).

Segundo Bulhões (2007), encontrar uma linguagem a partir da vivência de uma realidade deteriorada que cumpre conhecer acaba sendo uma experiência jornalística, mas uma prática destoante dos tempos de uma imprensa cuja escrita passou pelo tratamento de padronização textual, trata-se de uma forma muito especial de se fazer jornalismo, pois de fato revela uma escrita jornalística-literária.

Santaella (1996) sublinha que não podemos negar um evidente intercâmbio de recursos e migração de linguagens que extrapola a mera esfera da relação jornal e literatura. Um intercâmbio, aliás, que deve ser buscado, pois é na fenda entre dois sistemas de signos e nas brechas do sistema instituído que podem germinar novas estruturas de linguagem.

Porém, a literatura é usada na crônica jornalística como criatividade na construção de uma linguagem mais subjetiva e um texto mais leve, e a credibilidade é construída a partir dos recursos jornalísticos usados por Hélio como, por exemplo, na citações de falas de suas fontes.

Segundo Chaparro (2001), o jornalismo vale-se dos conflitos, da diversidade de ideias, da variedade de opiniões, da multiplicidade de interesses e da complexidade das relações humanas, atributos protagonizados pelas fontes jornalísticas e percebidos pelo público pela notoriedade, surpresa, utilidade, dramaticidade, pelo suspense, conhecimento e inusitado. Pois as ‘interações do jornalista com a fonte envolvem conflitos e acordos inevitáveis, porque a interlocução é viva, interessada.

Um exemplo dessas características citadas por Chaparro (2001), destaca-se notrecho da crônica jornalística: “Caçadas Insólitas”, pois Penafort usa a fala fiel de seu Amigo Manoel, que conta a respeito da experiência de quando ficou perdido na floresta:

... a alguns anos depois enquanto a noite não chega no Vila Nova e as remadas são vagarosas, Manoel João lembra o fato: “me perdi na frente da ilha Barbosa (fica entre crevelândia e a cidade de Oiapoque). Tinha acertado um veado e ele saiu capengando e eu atrás dele. Quando dei por mim estava muito fora da picada . tentei voltar mas não consegui não houve jeito de encontra-la. Você sabe que quando a gente se perde no mato a gente fica uma besta. Completamente desorientado” (PENNAFORT, 1984,p.15).

Outra função do Jornalismo é destacado na crônica jornalística, “A Feliz Solidão do Mutuacá” que é um rio localizado no Mazagão Velho, ao escrever sobre essa temática percebemos o destaque da denuncia da realidade que Hélio faz ao citar a imagem que o meio

urbano projeta do caboclo. Segundo Pennafort, as diferenças de estilo de vida do homem da cidade, para o homem do interior da Amazônia, fazem com que muitos comentam um equívoco de pré-julgamento, pois o jornalista descreve que poucos se importam em conhecer de fato a realidade e a vida simples desse personagem.

Os sociólogos do asfalto escreve e falam que o caboclo da Amazônia, é acomodado indolente. O oposto do nordestino que se mata de tanto trabalhar. Agora que culpa tem Benedito que nasceu cercado de fartura e no centro da tranquilidade, que lhe permitira chegar aos 76 anos pleno de vitalidade e bom humor? Barriga cheia e cabeça fria são coisas raras e até mesmo desconhecidas do homem do sertão, (PENNAFORT, 1984, p. 49).

Hélio Penafort, procura um envolvimento profundo com o que está sendo reportado, pois viaja ao interior para vivenciar várias situações do cotidiano caboclo, como a pesca, a caça, seus relacionamentos afetivos, e os desafios diários enfrentados por esse personagem. E após suas experiências pode retratar com maior credibilidade, a imagem do caboclo que em sua maioria é marginalizada pela sociedade, e pouco explorado como protagonista de muitas histórias. Dentro desse contexto pode-se dizer que assim como o cronista e jornalista Antônio João, mas conhecido como João do Rio, Penafort vivencia a chamada reportagem corpo a corpo.

Figura 03: Famílias humildes do interior retratadas por Hélio



Fonte: PENNAFORT, 1984, p. 28

De acordo com Martins (2010), numa espécie de manifesto-ensaio intitulado *Corpo-a-corpo coma vida*, João Antônio fala sobre o ato de envolvimento do repórter com que está sendo reportado. Para fazer o retrato da realidade marginal, para dar visibilidade à “vida que ninguém vê” de maneira a compreendê-la, seria necessário que o jornalista assumisse uma postura de enfrentamento e comprometimento, ainda que ele se dilacere no processo.

No trecho da crônica jornalística o “Exotismo e Sossego do Igarapé”, percebe-se uma descrição de como o caboclo é visto perante a sociedade em que está inserido, pois a sua realidade retratada por Hélio é diferente da realidade vivida na cidade, e que por vezes é menosprezada justamente por não ser divulgada de maneira precisa.

O turista europeu custa acreditar que o homem seja capaz de conviver tão bem com o isolamento do igarapé, valendo-se apenas da bondade da natureza para o alimento, para o lazer, para o amor, enfim, para sobreviver. “Homem da civilização das luzes” acha impossível orientar-se na escuridão de um igarapé com a simples chama de uma poronga encardida. Mas o caboclo consegue. E muito bem. Basta ver a precisão do tiro de uma calibre 20 quando ele enxerga os olhos de uma paca atrás de qualquer sapopema (PENNAFORT, 1984, p. 10).

Antônio (1976), diz que o caminho é claro e, também por isso, difícil – sem grandes mistérios e escolhas. Um corpo-a-corpo com a vida brasileira. Uma literatura que se ralenos fatos e não que rele neles. Nisso, a sua principal missão – ser a estratificação da vida de um povo e participar da melhoria e da modificação desse povo. Corpo-a-corpo.

No entanto Bulhões (2008), afirma que o cronista, é visto como alguém que está do lado de fora do tumulto da capacitação noticiosa, solidariamente vê o que ninguém viu. Ele é o mais livre dos Homens, daquele ambiente da redação. Livre porque tem a permissão de fechar os olhos ao cotidiano apressado e urgente.

Sendo assim, as crônicas jornalísticas, produzidas por Hélio Pennafort revelam-se não só como uma narrativa que retrata da beleza da Amazônia, da simplicidade do caboclo de forma poética, mas revela uma narrativa crítica que nos faz repensar a respeito das raízes amapaenses, do vocabulário, do contexto social, das dificuldades, e principalmente da figura marginalizada do caboclo. Essas características devem ser destacadas em um contexto de jornalismo local alternativo à produção noticiosa da época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da Pesquisa possibilitaram alcançar o objetivo geral proposto na realização nas análises das crônicas jornalísticas de Hélio Pennafort na perspectiva do jornalismo literário. A partir do presente Estudo percebe-se os recursos da linguagem literária usados na narrativa de Hélio Pennafort para a construção de uma imagem mais detalhada caboclo, seja na representação fiel de sua fala ou contexto social que está inserido, os quais se diferem como gêneros apresentados nas notícias diárias que costumamos ver nos jornais impressos.

Além disso, a abordagem do contexto histórico tanto do jornalismo literário como da crônica, cumpriram um papel significativo nesta análise, pois podemos perceber os pontos que divergem o jornalismo e a literatura e a importância desses gênero como uma forma inovadora de transmitir fatos do cotidiano, através da liberdade de expressão do jornalista que cria uma narrativa que seduz o leitor e faz com que ele se identifique com o texto.

No entanto, houve a necessidade de dividir a pesquisa em pontos principais como, a apresentação do cenário e as abordagens que Pennafort fez sobre o caboclo, para assim levantar apontamentos sobre a vida no interior, o cenário de Belezas naturais, as partes esquecidas e a valorização do caboclo dentro da cultura amapaense. No segundo ponto notamos uma narrativa que usou de recursos literários para explanar o fazer jornalístico através de metáforas, coloquialismo, e expressões típicas do interior, com a imersão do jornalista na realidade uma vez que as crônicas jornalísticas descrevem suas viagens ao interior do Amapá e alguns lugares do Pará. A crônica jornalística foi o último tema destacado para analisar o fazer jornalístico de Hélio Pennafort, e assim pode-se compreender que esse gênero tratado por muitos como menor, vai muito além pequenos registros ou fatos corriqueiros do cotidiano, nas crônicas jornalísticas de Hélio Pennafort destacamos uma verdadeira denúncia da realidade do caboclo, pois ao percorre os caminhos da literatura e jornalismo e permitem que o jornalista possa transmitir suas inquietações a respeito de fatos que se revelam como crítica social.

Analisar a biografia de Hélio Pennafort, é compreender que em sua época, fazer um jornalismo crítico de denuncia social, era romper a censura imposta pela ditadura militar. Hélio Penafort, usou a crônica jornalística de forma criativa, como um escape que se apoiava para relatar as principais queixas e de um cenário esquecido pelo governo, e assim entrelinhas e de forma irônica, relatava toda uma história de suas experiências, que a princípio parecem ser meras descrições banais, mas que no final sempre revela uma

crítica, uma denúncia, ao dizer da falta de comida, da educação precária que chega apenas a quarta série do Ensino Fundamental, o difícil acesso e trajeto que se faz para chegar até as vilas mais isoladas do interior do Estado, entre outros apontamentos.

Portanto, Pennafort, deixa um legado rico e pouco explorado pela nova geração de jornalista amapaense, uma vez que dificilmente se vê nos jornais diários, numa narrativa tão rica e minuciosa como as crônicas de Hélio Pennafort.

REFERÊNCIAS

- ANTÔNIO, João. **Malhação do Judas Carioca**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- BATISTA, Gilvana Santos; MELO, Tanha dos Santos Silva. **O Jornalismo Caboclo de Hélio Pennafort**; 2007; Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo)- Faculdade Estácio Seama de Macapá; Orientador: Carlos Magdo Pereira Fernandes.
- BENDER, Flora Cristina e LAURITO, Brunhilde Laurito. **Crônica: História, Teoria e Prática**. São Paulo: Scipione, 1993.
- BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura e convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- CANDIDO, Antonio et al. **A Crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**.
- CASTRO, G.; GANELO, Alex (Org). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.
- CASTRO, Gustavo. **Jornalismo literário: uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Linguagem dos conflitos**. Coimbra: Minerva, 2001.
- CORAÇÃO. Cláudio Rodrigues. **Repórter-Cronista: Jornalismo e Literatura na interface de João Antônio com Lima Barreto**. 2009. 187 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática)– UNESP, Bauru, 2009.
- COUTINHO, Afrânio. **Ensaio e crônica**. In: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (orgs). **A literatura no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Global, 1997. v. 6, p. 117-43.
- FARACO, Carlos Esmílio; MOURA, Francisco Marto. **Literatura Brasileira**. São Paulo: Atica, 1989.
- FARO, J. S. **Revista Realidade: 1966-1968**. Tempo da reportagem na imprensa brasileira. Porto Alegre: Da Ulbra, 1999.
- IJUIM, **Jorge Comunicação & Sociedade**, Ano 30, n. 51, p. 155-176, jan./jun. 2009.
- LIMA, Edivaldo Pereira. In. **Os Cadernos da Comunicação: New journalism: a reportagem como criação literária**. /Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Especial de Comunicação Social. – Rio de Janeiro: A Secretaria, 2003.
- _____. 2004. **Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e literatura**. Barueri, SP: ,Manoele.
- LUCAS, Fábio. **In Literatura e Jornalismo**. Volume 03,/ organização José Domigues de Brito. – São Paulo: Novera Editora, 2007.
- MARTINS, Lilian Juliana. **Aproximações entre jornalismo e literatura no debate sobre acrise do jornal: o caso de Eliane Brum**. 2010 103 f. Trabalho de Conclusão (Mestrado em

Comunicação Midiática) – FAAC – Unesp, sob a orientação do prof. Dr. Marcelo Magalhães Bulhões, Bauru, 2010.

MELO, José Marques de. A crônica. In: *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.

MOISÉS, Massaud. **A criação Literária**. São Paulo: Cultrix, 1967.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. 2.ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

PENNAFORT, Hélio. **Entrevista ao Leitor**. Macapá: Departamento de Imprensa Oficial do GTFA, 1982.

_____. **Estórias do Amapá**: Departamento de Imprensa Oficial do GTFA, 1982.

PORTELLA, Eduardo. **A cidade e a letra**. In *Dimensões I: o livro e a perspectiva crítica literária*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileira, 1977, p. 81-87.
Rio de Janeiro: Editora da Unicamp, 1992.

ROSSETTI, Regina. **As metáforas nas crônicas jornalísticas de Cony e Veríssimo** - Estudos em Jornalismo e Mídia - Ano VI - n. 1 pp. 23 - 33 jan./jun. 2009.

SÁ, J. A Crônica. 3.ed. São Paulo: Ática, 1987.

SANTAELLA. Lucia. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.

SATO, Nanami. **Jornalismo e Literatura**. A sedução da palavra, In: Castro; Galeno, 2005, p.31.

TERRA, Ernani e NICOLA, José. **Português de olho no mundo**: volume único - são Paulo: Scipione, 2004.

ANEXO

ANEXO 01 – CAPA DO LIVRO

